



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20 - N. 7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2020**



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministra da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Tereza Cristina Corrêa da Costa Dias

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Guilherme Soria Bastos Filho

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Bruno Scalon Cordeiro

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Cláudio Rangel Pinheiro

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

José Ferreira da Costa Neto

Diretor - Executivo de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Bruno Scalon Cordeiro (Diretor Interino)

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Fabiano Borges de Vasconcellos

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Candice Mello Romero Santos

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Carlos Eduardo Gomes de Oliveira

Eledon Pereira de Oliveira

Francisco Olavo Batista de Sousa

Jeferson Alves de Aguiar

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Leticia Bandeira Araújo (estagiária)

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Andrezza Lima Coelho Cardoso (estagiária)

Davi de Paula Granato Valin (estagiário)

Fernando Arthur Santos Lima

Giuseppe Fernandes Martins Cortizo (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Rafaela dos Santos Souza

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Thiago Lima de Oliveira (menor aprendiz)

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA

grãos

V. 7 - SAFRA 2019/20- N. 7 - Sétimo levantamento | **ABRIL 2020**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 7 - Safra 2019/20 - Sétimo levantamento, Brasília, p. 1-66, abril 2020.

Copyright 2020 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão); Mozar de Araújo Salvador (Inmet); Leonardo Amazonas (Gerpa-soja); Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho); Bruno Pereira Nogueira (Gefab - algodão); Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz); Flávia Machado Starling Soares (Gerpa - trigo).

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Joctã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcellos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhães, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Allan Salgado, Charles Erig, Daniela Freitas, Jefferson Raspante, Leonidas Kaminski, Rafael Fogaça (PR); Hécio de Melo Freitas, Thiago Pires de Lima Miranda, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sousa Sobrinho (PI); Ana Paula Pereira de Lima; Cláudio Chagas Figueiredo; Olavo Franco de Godoy Neto (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcideman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luís Girardi (RS); Cezar Augusto Rubin, Luana Schneider, Marcelo Siste Campos, Ricardo Cunha de Oliveira (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Marco Antonio Garcia Martins Chaves, Jorge Antonio de Freitas Carvalho (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Extensão Rural de Rondonia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (Ruraltins); Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater/RN); Secretária de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (Efaeb); Bônco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (SAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-Grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater/GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretaria Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater/DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater/MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater/RJ); Coordenadoria de Desenvolvimento Rural e Sustentável (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PRO); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater/RS) e Instituto Rio-Grandense do arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)

Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac) / Gerência de Eventos e Promoção Institucional

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Marília Malheiro Yamashita

Fotos

Início: Lavoura de arroz Sureg MS - Final: Lavoura de soja- MS

Normalização

Thelma das Graças Fernandes Souza – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad) / Gerência de Protocolo, Arquivos e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n. 1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título

SUMÁRIO



1. Resumo executivo	8
----------------------------	----------



2. Introdução	10
----------------------	-----------



3. Estimativa de área, produtividade e produção	11
--	-----------



4. Análise climática - Inmet	19
-------------------------------------	-----------



5. Mapeamento de Algodão em Goiás	24
--	-----------



6. Análise das culturas	26
--------------------------------	-----------

6.1. Culturas de verão	26
------------------------	----

6.1.1. Algodão	26
----------------	----

6.1.2. Amendoim	28
-----------------	----

6.1.3. Arroz	29
--------------	----

6.1.4. Feijão	34
---------------	----

6.1.5. Gergelim	41
-----------------	----

6.1.6. Girassol	41
-----------------	----

6.1.7. Mamona	41
---------------	----

6.1.8. Milho	42
--------------	----

6.1.9. Soja	48
-------------	----

6.1.10. Sorgo	52
---------------	----



7. Balanço de oferta e demanda -----	54
7.1. Algodão -----	54
7.2. Arroz -----	55
7.3. Feijão -----	55
7.4. Milho -----	56
7.5. Soja -----	56
7.6. Trigo -----	57



8. Calendário agrícola de plantio e colheita -----	58
---	-----------





1. RESUMO EXECUTIVO

SAFRA 2019/20

Com as culturas de primeira safra em fase final de colheita e as de segunda com as áreas semeadas próximas da conclusão, sobretudo milho segunda safra, a produção de grãos no país poderá atingir, nesta safra, um volume de 251,8 milhões de toneladas, 4% ou 9,7 milhões de toneladas superior à obtida na safra anterior.

Para a área plantada, neste sétimo levantamento, estima-se crescimento de 2,9% ou 1,85 milhão de hectares, situando-se em 65,1 milhões de hectares.

Algodão: as condições climáticas têm favorecido o desenvolvimento da cultura que, aliada ao ganho de área, resulta numa produção de 2,88 milhões de toneladas de pluma, 3,7% superior à safra passada.

Arroz: a produção está estimada em 10,6 milhões de toneladas, 1,2% superior ao volume produzido na safra passada. Dessas, 9,7 milhões de toneladas são de cultivo irrigado e 0,9 milhão de toneladas em áreas de plantio de sequeiro.

Feijão primeira safra: com a colheita finalizada, a produção ficou em 1,07 milhão de toneladas, 8,3% superior ao volume produzido na última safra.

Feijão segunda safra: redução de 1,1% na área cultivada. Cultura em desenvolvimento e as condições climáticas são favoráveis, o que deve permitir uma produção de 1,33 milhão de toneladas. Dessa produção, 638,5 mil toneladas são de feijão-comum cores,

271,8 mil toneladas de feijão-comum preto e 418,1 mil toneladas de feijão-caupi.

Milho primeira safra: com a proximidade do fim da colheita, a produção se confirma em 25,3 milhões de toneladas, 1,5% inferior à safra passada.

Milho segunda safra: crescimento de 4,5% na área de plantio, posicionando-se em 13,5 milhões de hectares, resulta numa estimativa de 75,4 milhões de toneladas.

Milho terceira safra: com os plantios em maio e junho na região de Sealba (Sergipe, Alagoas, nordeste da Bahia), Pernambuco e Roraima, as estimativas iniciais indicam uma área plantada em torno de 511 mil hectares, e produção de 1,16 milhão de toneladas.

Milho total: a estimativa nacional de plantio do milho,

considerando a primeira, segunda e terceira safras, na temporada 2019/20, deverá apresentar uma área de 18,2 milhões hectares, e uma produção de 101,9 milhões de toneladas.

Coja: produção estimada em 122,1 milhões de toneladas, ganho de 6,1% em relação à safra 2018/19. Comparativamente ao levantamento anterior houve perda de 1,7%, influenciada, sobretudo, pelas condições climáticas desfavoráveis no Rio Grande do Sul.

Safra inverno 2020

Aveia, canola, centeio, cevada, trigo e triticale: plantio ainda incipiente. Estima-se crescimento de 2,1% na área a ser plantada. Para o trigo, principal cultura, a intenção é de aumento de 2,4%, passando para 2,09 milhões de hectares na nova safra.





2. INTRODUÇÃO

A Conab tem, dentre as suas atribuições, a tarefa de levantar, consolidar e divulgar, após metódica análise, as informações referentes ao tamanho da safra agrícola brasileira, com periodicidade mensal, obedecendo a um calendário previamente divulgado para a sociedade.

Esse trabalho é realizado utilizando, em média, 80 técnicos das diversas superintendências regionais distribuídas pelo país, que se deslocam para as zonas produtoras e, de forma presencial, contatam aproximadamente 900 informantes cadastrados, que formam a base da pesquisa. Essa é a estrutura montada pela empresa para elaborar uma ação que hoje se tornou referência internacional na produção de estatísticas para o agronegócio brasileiro.

A partir deste mês, as ações estabelecidas pela empresa para o levantamento das safras se encontram em linha com as determinações federais de combate à pandemia do coronavírus, que destacam, entre outras medidas, a necessidade do isolamento como forma de atenuar os impactos na saúde das pessoas. Essas medidas de combate obrigaram à empresa a fazer adequações na sua rotina, procedendo a suspensão de viagens, contatos presenciais, visitas às lavouras e etc. e, em ato contínuo, instruiu as diversas dependências da empresa a intensificar o uso das ferramentas de tecnologia disponível e reforçar as parcerias, de maneira a não comprometer a qualidade dos serviços.

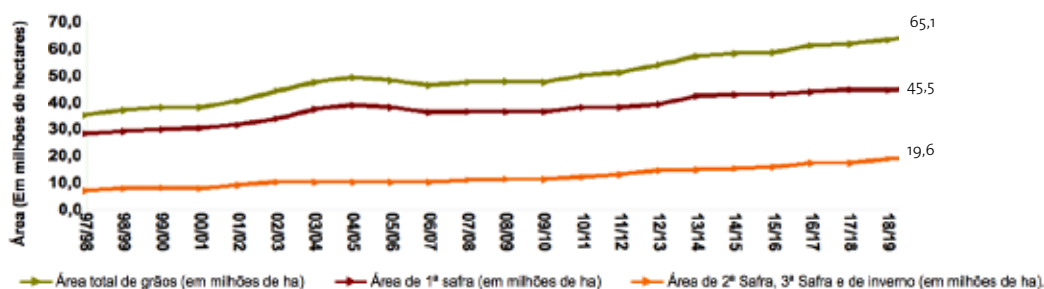


3. ESTIMATIVA DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO

Com a colheita da soja finalizando e o plantio do milho segunda safra bem encaminhado, a área desta safra é estimada em 65.109,8 mil hectares, representando um incremento de 2,9% na área plantada em comparação à safra passada ou uma variação absoluta de 1.847,6 mil hectares, influenciado principalmente pelo crescimento das áreas de soja e milho.

Desse montante, as culturas de primeira safra ocupam uma área de 45,5 mil hectares, enquanto as culturas de segunda e terceira safras e de inverno são cultivadas em 19,6 mil hectares, a maior parte aproveitando áreas já cultivadas.

Gráfico 1 – Brasil - Comportamento da área cultivada



Fonte: Conab.

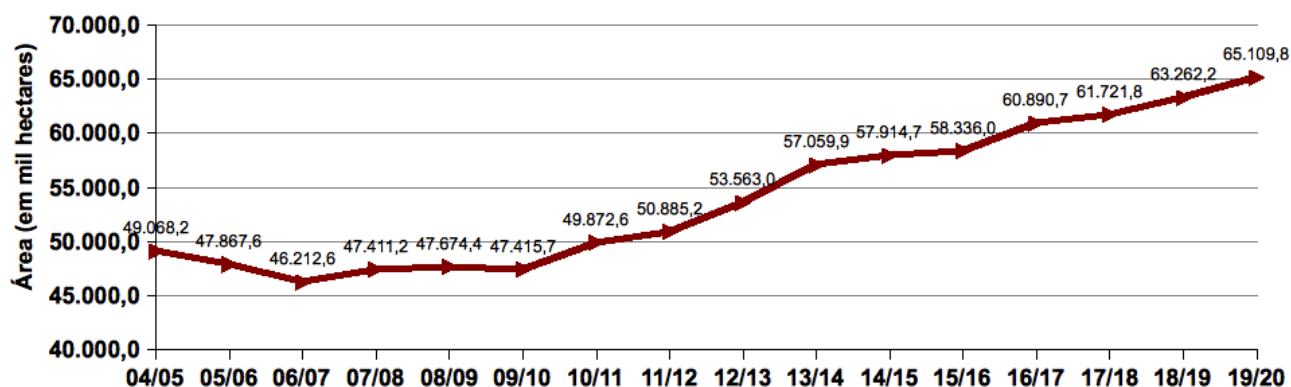
As culturas de primeira safra responderam bem às condições climáticas, apesar do início de safra sem chuvas, e, de maneira geral, apresentam rendimento superior ao da safra passada.

As lavouras de soja recuperaram e, com a colheita finalizando, estima-se uma produtividade superior à da

safra passada, quando importantes estados produtores sofreram com estiagem.

No Rio Grande do Sul, a falta de chuvas comprometeu o desempenho de soja e milho, no entanto, beneficiou as lavouras de arroz, promovendo um dos melhores rendimentos na série histórica.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade – Total Brasil



Fonte: Conab.

Neste levantamento, o retrato das lavouras mostra que a colheita da soja está em finalização, e a semeadura do milho segunda safra praticamente já finalizou. Com a estimativa de aumento de área de milho segunda safra e o bom desempenho da soja, a produção de grãos deverá atingir 251,8 milhões de

toneladas, apresentando variação positiva de 4% em relação à safra anterior, equivalendo a um aumento absoluto de 9,7 milhões de toneladas. O aumento da produção de algodão, arroz, feijão e sorgo também explicam esse recorde de produção.

3.1. ALGODÃO

A área estimada para esta temporada é de 1.677,1 mil hectares, indicando incremento de 3,6% em relação aos 1.618,2 mil hectares efetivados na safra passada. As condições climáticas estão favoráveis e a cultura segue em desenvolvimento.

Em Mato Grosso, de maneira geral, as condições das lavouras são muito boas e existem boas perspectivas para a produtividade média, levando em considera-

ção os melhores pacotes tecnológicos empregados.

Na Bahia, com os plantios das lavouras de sequeiro finalizados em meados de janeiro e o plantio irrigado no final de fevereiro, as lavouras não sofreram com problemas climáticos. O veranico de dezembro não causou danos, e as chuvas bem distribuídas têm gerado ótimas condições de desenvolvimento às lavouras, que estão em estágio de florescimento e enchimento dos frutos.



Assim, influenciada pelos grandes investimentos feitos no setor e pela expansão de área cultivada, a produção para esta temporada é considerada a maior,

3.2. ARROZ

Nas últimas safras, a área cultivada com arroz vem diminuindo, sobretudo em áreas de sequeiro. Apesar da redução nos últimos anos, a maior proporção do plantio em áreas irrigadas, que geram maiores produtividades, e o contínuo investimento do rizicultor em tecnologias, vêm permitindo a manutenção da produção, ajustada ao consumo nacional.

A expectativa de produção para esta safra é de

dentro da série histórica, estimada em 2,88 milhões de toneladas de algodão em pluma.

10,57 milhões de toneladas, aumento de 1,2% em relação à safra passada. A produção nacional de arroz tem sua maior concentração na Região Sul, responsável por mais de 80% da oferta nacional. No Rio Grande do Sul, a colheita evoluiu significativamente em março, com mais da metade da área colhida. A alta incidência de radiação solar deve favorecer as lavouras semeadas fora do período preferencial para a cultura.

3.3. FEIJÃO

Por ser uma cultura de ciclo curto, o feijão possibilita o plantio em até três momentos durante a temporada, na busca pelo equilíbrio no abastecimento. Na primeira safra deste ano, a área é estimada em 926,5 mil hectares, crescimento de 0,4% em relação à safra passada. A previsão de uma produtividade maior deverá resultar em uma produção de 1,07 milhão de toneladas, 8,3% maior que na última safra, que sofreu com os problemas decorrentes das adversidades climáticas e prejudicaram a produção.

A área de feijão primeira safra vem diminuindo ao

longo das últimas safras, principalmente pela competição com outras culturas, como soja e milho, e também devido ao momento da colheita coincidir, muitas vezes, com o período chuvoso, acarretando problemas de qualidade do produto.

Já o feijão segunda safra deverá ter uma área plantada de 1,4 milhão de hectares, 1,1% menor que a área da safra passada. A atenção se volta para as condições climáticas apresentadas na Região Sul, que já prejudicaram o potencial produtivo das lavouras.

3.4. MILHO

A estimativa de área de milho primeira safra, na temporada 2019/20, é de 4,22 milhões de hectares, 2,8% maior que a área cultivada na safra 2018/19, influenciada pelas boas cotações do cereal.

Problemas climáticos na Região Sul, sobretudo no Rio Grande do Sul, prejudicaram o potencial produtivo das lavouras, o que deverá resultar em um rendimento médio no país de 4,2% menor que na última safra. A colheita no país atingiu 44% na semana do levantamento.

A segunda safra de milho tem a semeadura acontecendo de acordo com o avanço da colheita da soja. Mato Grosso, principal estado produtor, finalizou o plantio do milho, juntamente com Goiás, Tocantins e Maranhão. Paraná, Mato Grosso do Sul e Piauí têm mais de 90% da área semeada.

O atraso no plantio da soja, por conta da falta ou desuniformidade das chuvas em outubro passado, reduziu

a janela de plantio favorável ao milho segunda safra, fato que ajuda explicar a estimativa de redução de área em Mato Grosso do Sul e Paraná. A despeito dessa menor janela, em Mato Grosso do Sul, estima-se que aproximadamente 25% da área será semeada fora do zoneamento de risco climático.

Para o milho de terceira safra, a produção estimada é de 1,16 milhão de toneladas. Esse milho, que tem sua oferta, principalmente, na região da Sertão (Sergipe, Alagoas e nordeste da Bahia), além de Pernambuco e Roraima, é produzido num calendário de plantio parecido com o do Hemisfério Norte, concentrando-se no período entre maio e junho.

Dessa forma, a estimativa nacional de produção de milho, considerando a primeira, segunda e terceira safras, na temporada 2019/20, deverá apresentar um volume semelhante ao da safra 2018/19, e resultar numa produção de 101,9 milhões de toneladas.



3.5. SOJA

A safra 2019/20 de soja apresenta crescimento na área de 2,7% em relação à última temporada, continuando a tendência de aumento das últimas safras. A produção é estimada em 122,1 milhões de toneladas, um recorde na série histórica, apesar da quebra de safra no Rio Grande do Sul, sobretudo pelas melhores condições climáticas em diversos estados produtores. A cultura apresenta produtividades recordes em Mato Grosso, Paraná, Goiás, São Paulo, Maranhão, Rondônia e Distrito Federal, mas teve o pior rendimento do Rio Grande do Sul nas últimas oito safras.

No Centro-Oeste, a colheita está praticamente finalizada, com 99,7% em Mato Grosso, 98% em Goiás e 95% em Mato Grosso do Sul. Com grande volume já vendido e pendente de escoamento, o fluxo logístico persiste nas rotas envolvendo o Mato Grosso e, até agora, não há indício de arrefecimento ou restrição ao escoamento da soja colhida. Em Mato Grosso do Sul, a logística também segue sem tantos problemas. A colheita muito concentrada neste último mês tem ocasionado tumultos no recebimento e dificuldades para expedição para os portos.

Na Região Sul, nas lavouras do Paraná, as chuvas ocorreram de forma regular em quase todo o ciclo dessa cultura, porém a estiagem que castiga as lavouras que ainda estão em frutificação pode prejudicar o potencial produtivo. A colheita avançou bastante no último mês, e cerca de 85% das lavouras foram colhidas.

No Rio Grande do Sul, a situação das lavouras piorou em relação ao último levantamento. A quase ausência de chuvas em março fez com que as perdas se acentuassem. A seca, que afetou a cultura em praticamente todas as fases, passa a integrar a lista das piores já verificadas no estado. No momento do levantamento as lavouras se encontravam com 38% colhidas, 49% em maturação, 12% em enchimento de grãos e 1% em floração.

Na Região Nordeste, particularmente no Matopiba, as condições climáticas não foram boas no início da safra, causando a necessidade de replantio em algumas regiões. Esse quadro melhorou no fim de dezembro, e as chuvas vieram com mais intensidade em janeiro, favorecendo o desenvolvimento da cultura. A colheita avança, mas o grande volume de chuvas tem atrapa-



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1.000 ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Mar/2020 (b)	Abr/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO	1.618,2	1.670,8	1.677,1	0,4	3,6	6,3	58,9
AMENDOIM TOTAL	146,8	157,6	157,4	(0,1)	7,2	(0,2)	10,6
AMENDOIM 1ª SAFRA	139,8	150,2	150,2	-	7,4	-	10,4
AMENDOIM 2ª SAFRA	7,0	7,4	7,2	(2,7)	2,9	(0,2)	0,2
ARROZ	1.697,4	1.656,8	1.650,5	(0,4)	(2,8)	(6,3)	(46,9)
ARROZ SEQUEIRO	346,6	369,2	363,7	(1,5)	4,9	(5,5)	17,1
ARROZ IRRIGADO	1.350,8	1.287,6	1.286,8	(0,1)	(4,7)	(0,8)	(64,0)
FEIJÃO TOTAL	2.927,3	2.964,9	2.915,1	(1,7)	(0,4)	(49,8)	(12,2)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.311,6	1.289,5	1.275,6	(1,1)	(2,7)	(13,9)	(36,0)
FEIJÃO TOTAL PRETO	340,4	329,6	336,7	2,2	(1,1)	7,1	(3,7)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.275,3	1.345,8	1.302,8	(3,2)	2,2	(43,0)	27,5
FEIJÃO 1ª SAFRA	922,6	924,8	926,5	0,2	0,4	1,7	3,9
CORES	376,2	374,1	375,8	0,5	(0,1)	1,7	(0,4)
PRETO	169,8	163,4	163,1	(0,2)	(3,9)	(0,3)	(6,7)
CAUPI	376,6	387,3	387,6	0,1	2,9	0,3	11,0
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.417,7	1.442,3	1.401,6	(2,8)	(1,1)	(40,7)	(16,1)
CORES	442,2	422,2	406,6	(3,7)	(8,1)	(15,6)	(35,6)
PRETO	153,5	149,1	156,5	5,0	2,0	7,4	3,0
CAUPI	811,2	871,0	838,5	(3,7)	3,4	(32,5)	27,3
FEIJÃO 3ª SAFRA	587,0	597,8	587,0	(1,8)	-	(10,8)	-
CORES	493,2	493,2	493,2	-	-	-	-
PRETO	17,1	17,1	17,1	-	-	-	-
CAUPI	76,7	87,5	76,7	(12,3)	-	(10,8)	-
GERGELIM	53,0	160,5	160,0	(0,3)	201,9	(0,5)	107,0
GIRASSOL	62,8	59,6	51,4	(13,8)	(18,2)	(8,2)	(11,4)
MAMONA	46,6	46,3	45,6	(1,5)	(2,1)	(0,7)	(1,0)
MILHO TOTAL	17.492,9	17.893,3	18.197,0	1,7	4,0	303,7	704,1
MILHO 1ª SAFRA	4.103,9	4.233,2	4.220,2	(0,3)	2,8	(13,0)	116,3
MILHO 2ª SAFRA	12.878,0	13.150,0	13.463,7	2,4	4,5	313,7	585,7
MILHO 3ª SAFRA	511,0	511,0	511,0	-	-	-	-
SOJA	35.874,0	36.820,8	36.847,6	0,1	2,7	26,8	973,6
SORGO	732,3	736,4	745,3	1,2	1,8	8,9	13,0
SUBTOTAL	60.651,3	62.167,9	62.444,9	0,4	3,0	277,0	1.793,6
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Mar/2020 (b)	Abr/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	398,0	398,0	401,0	0,8	0,8	3,0	3,0
CANOLA	34,0	34,0	33,8	(0,6)	(0,6)	(0,2)	(0,2)
CENTEIO	4,0	4,0	4,6	15,0	15,0	0,6	0,6
CEVADA	118,8	118,8	120,7	1,6	1,6	1,9	1,9
TRIGO	2.040,5	2.040,5	2.089,2	2,4	2,4	48,7	48,7
TRITICALE	15,6	15,6	15,6	-	-	-	-
SUBTOTAL	2.610,9	2.610,9	2.664,9	2,1	2,1	54,0	54,0
BRASIL	63.262,2	64.778,8	65.109,8	0,5	2,9	331,0	1.847,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2020.



Tabela 2 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Mar/2020 (b)	Abr/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.575	2.560	2.575	0,6	-	14,3	0,2
ALGODÃO EM PLUMA	1.717	1.708	1.717	0,6	-	9,5	0,1
AMENDOIM TOTAL	2.962	3.270	3.464	5,9	17,0	194,3	502,2
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.021	3.343	3.545	6,0	17,3	202,1	523,6
AMENDOIM 2ª SAFRA	1.775	1.787	1.777	(0,5)	0,1	(9,4)	2,6
ARROZ	6.153	6.352	6.403	0,8	4,1	50,9	249,8
ARROZ SEQUEIRO	2.354	2.355	2.417	2,6	2,7	61,7	62,5
ARROZ IRRIGADO	7.128	7.499	7.530	0,4	5,6	31,5	401,8
FEIJÃO TOTAL	1.032	1.059	1.070	1,1	3,7	11,4	38,6
FEIJÃO TOTAL CORES	1.439	1.476	1.478	0,1	2,7	2,0	39,3
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.461	1.807	1.773	(1,9)	21,3	(34,0)	311,4
FEIJÃO TOTAL CAUPI	498	476	490	2,8	(1,8)	13,4	(8,9)
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.072	1.135	1.155	1,8	7,8	20,7	83,2
CORES	1.498	1.529	1.551	1,4	3,5	21,0	52,7
PRETO	1.513	1.937	1.928	(0,5)	27,4	(8,8)	414,9
CAUPI	448	415	447	7,8	(0,2)	32,3	(1,1)
FEIJÃO 2ª SAFRA	917	941	948	0,7	3,4	6,8	30,9
CORES	1.474	1.579	1.570	(0,6)	6,5	(9,3)	95,8
PRETO	1.491	1.800	1.737	(3,5)	16,5	(63,4)	246,0
CAUPI	517	484	499	2,9	(3,5)	14,3	(17,9)
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.247	1.227	1.230	0,2	(1,4)	2,3	(17,0)
CORES	1.363	1.348	1.348	-	(1,1)	-	(15,0)
PRETO	684	621	621	-	(9,2)	-	(63,0)
CAUPI	623	665	604	(9,2)	(3,1)	(61,2)	(19,3)
GERGELIM	780	796	797	0,1	2,2	0,9	17,1
GIRASSOL	1.669	1.587	1.580	(0,4)	(5,3)	(6,6)	(88,5)
MAMONA	658	647	648	0,2	(1,5)	1,2	(9,9)
MILHO TOTAL	5.719	5.593	5.599	0,1	(2,1)	5,6	(120,4)
MILHO 1ª SAFRA	6.249	6.038	5.989	(0,8)	(4,2)	(49,2)	(260,4)
MILHO 2ª SAFRA	5.682	5.579	5.603	0,4	(1,4)	23,8	(79,4)
MILHO 3ª SAFRA	2.385	2.263	2.263	-	(5,1)	-	(121,7)
SOJA	3.206	3.373	3.313	(1,8)	3,3	(60,7)	106,1
SORGO	2.973	2.963	3.024	2,0	1,7	60,7	50,6
SUBTOTAL	3.883	3.944	3.923	(0,5)	1,0	(21,0)	40,0
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIACÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Mar/2020 (b)	Abr/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	2.209	2.263	2.261	(0,1)	2,4	(2,0)	52,0
CANOLA	1.429	1.418	1.417	(0,1)	(0,8)	(1,0)	(12,0)
CENTEIO	2.083	2.125	2.130	0,2	2,3	5,0	47,0
CEVADA	3.612	3.167	3.179	0,4	(12,0)	12,0	(433,0)
TRIGO	2.526	2.620	2.600	(0,8)	2,9	(20,0)	74,0
TRITICALE	2.904	2.756	2.756	-	(5,1)	-	(148,0)
SUBTOTAL	2.515	2.575	2.560	(0,6)	1,8	(15,0)	45,0
BRASIL (2)	3.826	3.889	3.867	(0,6)	1,1	(21,4)	41,2

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2020.



Tabela 3 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1.000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2018/19 (a)	2019/20		Percentual		Absoluta	
		Mar/2020 (b)	Abr/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
ALGODÃO - CAROÇO (1)	4.166,4	4.278,1	4.318,1	0,9	3,6	40,0	151,7
ALGODÃO - PLUMA	2.778,8	2.853,7	2.880,4	0,9	3,7	26,7	101,6
AMENDOIM TOTAL	434,6	515,2	545,1	5,8	25,4	29,9	110,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	422,2	502,0	532,3	6,0	26,1	30,3	110,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	12,4	13,2	12,8	(3,0)	3,2	(0,4)	0,4
ARROZ	10.445,1	10.524,5	10.568,8	0,4	1,2	44,3	123,7
ARROZ SEQUEIRO	816,1	869,4	879,1	1,1	7,7	9,7	63,0
ARROZ IRRIGADO	9.629,0	9.655,1	9.689,7	0,4	0,6	34,6	60,7
FEIJÃO TOTAL	3.020,8	3.140,4	3.120,7	(0,6)	3,3	(19,7)	99,9
FEIJÃO TOTAL CORES	1.888	1.904	1.886	(0,9)	(0,1)	(17,9)	(1,6)
FEIJÃO TOTAL PRETO	497	596	597	0,2	20,1	1,4	99,8
FEIJÃO TOTAL CAUPI	636	641	638	(0,5)	0,4	(3,0)	2,3
FEIJÃO 1ª SAFRA	989,1	1.049,5	1.070,8	2,0	8,3	21,3	81,7
CORES	563,4	572,3	582,7	1,8	3,4	10,4	19,3
PRETO	256,9	316,6	314,7	(0,6)	22,5	(1,9)	57,8
CAUPI	168,8	160,6	173,4	8,0	2,7	12,8	4,6
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.299,6	1.357,1	1.328,4	(2,1)	2,2	(28,7)	28,8
CORES	652,0	666,8	638,5	(4,2)	(2,1)	(28,3)	(13,5)
PRETO	228,7	268,5	271,8	1,2	18,8	3,3	43,1
CAUPI	418,9	422,0	418,1	(0,9)	(0,2)	(3,9)	(0,8)
FEIJÃO 3ª SAFRA	731,9	733,8	722,0	(1,6)	(1,4)	(11,8)	(9,9)
CORES	672,4	665,0	665,0	-	(1,1)	-	(7,4)
PRETO	11,7	10,6	10,6	-	(9,4)	-	(1,1)
CAUPI	47,9	58,3	46,4	(20,4)	(3,1)	(11,9)	(1,5)
GERGELIM	41,3	127,8	127,5	(0,2)	208,7	(0,3)	86,2
GIRASSOL	104,9	94,6	81,2	(14,2)	(22,6)	(13,4)	(23,7)
MAMONA	30,6	30,0	29,5	(1,7)	(3,6)	(0,5)	(1,1)
MILHO TOTAL	100.042,7	100.083,3	101.867,9	1,8	1,8	1.784,6	1.825,2
MILHO 1ª SAFRA	25.646,7	25.560,5	25.274,6	(1,1)	(1,5)	(285,9)	(372,1)
MILHO 2ª SAFRA	73.177,7	73.366,3	75.436,8	2,8	3,1	2.070,5	2.259,1
MILHO 3ª SAFRA	1.218,7	1.156,5	1.156,5	-	(5,1)	-	(62,2)
SOJA	115.029,9	124.205,1	122.060,2	(1,7)	6,1	(2.144,9)	7.030,3
SORGO	2.177,0	2.181,9	2.253,5	3,3	3,5	71,6	76,5
SUBTOTAL	235.493,3	245.180,9	244.972,5	(0,1)	4,0	(208,4)	9.479,2
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIAÇÃO			
	2019 (a)	2020		Percentual		Absoluta	
		Mar/2020 (b)	Abr/2020 (c)	(c/b)	(c/a)	(c-b)	(c-a)
AVEIA	879,1	900,6	906,7	0,7	3,1	6,1	27,6
CANOLA	48,6	48,2	47,9	(0,6)	(1,4)	(0,3)	(0,7)
CENTEIO	9,4	8,5	9,8	15,3	4,3	1,3	0,4
CEVADA	429,1	376,2	383,7	2,0	(10,6)	7,5	(45,4)
TRIGO	5.154,7	5.346,8	5.431,3	1,6	5,4	84,5	276,6
TRITICALE	45,3	43,0	43,0	-	(5,1)	-	(2,3)
SUBTOTAL	6.566,2	6.723,3	6.822,4	1,5	3,9	99,1	256,2
BRASIL (2)	242.059,5	251.904,2	251.794,9	-	4,0	(109,3)	9.735,4

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2020.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %	Safra 18/19	Safra 19/20	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	3.096,5	3.248,4	4,9	3.281	3.375	2,9	10.158,9	10.964,3	7,9
RR	72,4	79,1	9,3	3.913	3.996	2,1	283,3	316,1	11,6
RO	576,7	603,9	4,7	3.802	3.828	0,7	2.192,4	2.311,5	5,4
AC	47,5	47,5	-	2.042	2.112	3,4	97,0	100,3	3,4
AM	17,9	18,8	5,0	2.162	2.234	3,3	38,7	42,0	8,5
AP	24,1	24,4	1,2	2.506	2.574	2,7	60,4	62,8	4,0
PA	905,5	946,0	4,5	2.907	2.929	0,7	2.632,1	2.770,6	5,3
TO	1.452,4	1.528,7	5,3	3.343	3.507	4,9	4.855,0	5.361,0	10,4
NORDESTE	8.019,7	8.201,9	2,3	2.414	2.510	4,0	19.358,7	20.590,6	6,4
MA	1.572,5	1.609,4	2,3	3.152	3.342	6,0	4.956,2	5.379,1	8,5
PI	1.499,6	1.549,4	3,3	2.950	3.041	3,1	4.424,4	4.711,8	6,5
CE	872,6	967,8	10,9	593	618	4,1	517,8	597,9	15,5
RN	106,6	106,6	-	596	487	(18,3)	63,5	51,9	(18,3)
PB	188,1	202,4	7,6	396	445	12,3	74,5	90,0	20,8
PE	452,3	454,5	0,5	497	604	21,4	224,9	274,3	22,0
AL	65,9	65,9	-	1.332	1.085	(18,5)	87,8	71,5	(18,6)
SE	157,3	157,3	-	5.097	4.148	(18,6)	801,7	652,5	(18,6)
BA	3.104,8	3.088,6	(0,5)	2.644	2.837	7,3	8.207,9	8.761,6	6,7
CENTRO-OESTE	26.881,4	28.027,8	4,3	4.140	4.281	3,4	111.285,4	119.999,0	7,8
MT	16.183,5	17.136,3	5,9	4.171	4.281	2,6	67.494,4	73.356,8	8,7
MS	4.871,2	4.951,6	1,7	3.760	4.047	7,6	18.318,0	20.037,8	9,4
GO	5.665,0	5.777,8	2,0	4.349	4.456	2,5	24.638,2	25.747,8	4,5
DF	161,7	162,1	0,2	5.163	5.284	2,4	834,8	856,6	2,6
SUDESTE	5.656,6	5.873,1	3,8	4.032	4.266	5,8	22.809,0	25.055,6	9,8
MG	3.453,1	3.557,0	3,0	4.114	4.289	4,3	14.206,2	15.256,1	7,4
ES	26,3	25,9	(1,5)	1.749	1.799	2,9	46,0	46,6	1,3
RJ	3,0	3,0	-	1.967	2.067	5,1	5,9	6,2	5,1
SP	2.174,2	2.287,2	5,2	3.933	4.261	8,4	8.550,9	9.746,7	14,0
SUL	19.608,0	19.758,6	0,8	4.001	3.805	(4,9)	78.447,5	75.185,4	(4,2)
PR	9.649,5	9.687,8	0,4	3.757	4.216	12,2	36.251,0	40.842,3	12,7
SC	1.255,7	1.271,5	1,3	5.264	5.173	(1,7)	6.609,6	6.577,3	(0,5)
RS	8.702,8	8.799,3	1,1	4.089	3.155	(22,8)	35.586,9	27.765,8	(22,0)
NORTE/NORDESTE	11.116,2	11.450,3	3,0	2.655	2.756	3,8	29.517,6	31.554,9	6,9
CENTRO-SUL	52.146,0	53.659,5	2,9	4.076	4.104	0,7	212.541,9	220.240,0	3,6
BRASIL	63.262,2	65.109,8	2,9	3.826	3.867	1,1	242.059,5	251.794,9	4,0

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em abril/2020.





4. ANÁLISE CLIMÁTICA¹ - INMET

4.1. ANÁLISE CLIMÁTICA DE MARÇO

Na Região Sul, foram observados acumulados inferiores a 120 mm. Entretanto, a normal climatológica para essa em fevereiro corresponde a valores de chuva entre 125 mm e 200 mm. As poucas chuvas na região ocorreram devido à entrada de frentes frias, que se deslocaram de forma rápida pela costa da região, gerando irregularidade de chuvas. Esse comportamento irregular das chuvas, principalmente no Rio Grande do Sul, é típico em anos de neutralidade climática. Consequentemente, esse cenário vem prejudicando o desenvolvimento das lavouras de soja e milho no estado.

Na região agrícola do Matopiba, as chuvas de fevereiro foram abaixo da média climatológica para a região. Os maiores acumulados de chuva ocorreram em Tocantins, registrando valores de até 250 mm. No oeste da Bahia ocorreram acumulados de chuva entre 150 e 200 mm, enquanto que no restante do estado foram observados baixos acumulados de chuva inferiores a 90 mm. Na faixa norte do Nordeste, a atuação da Zona de Convergência Intertropical (ZCIT) trouxe chuva acima de 200 mm, principalmente para o Maranhão, Piauí e Ceará. Fechando o verão, as chuvas de março foram bastante generosas em diversas partes

¹ Mozar de Araújo Salvador - Meteorologista do Inmet - Brasília

do Brasil, especialmente no semiárido (nordestino e mineiro) e na região do Matopiba. Contudo, na Região Sul e no sul do Mato Grosso Sul, os volumes de precipitação foram bem abaixo da média, e essa escassez de chuvas foi ainda mais severa que em fevereiro.

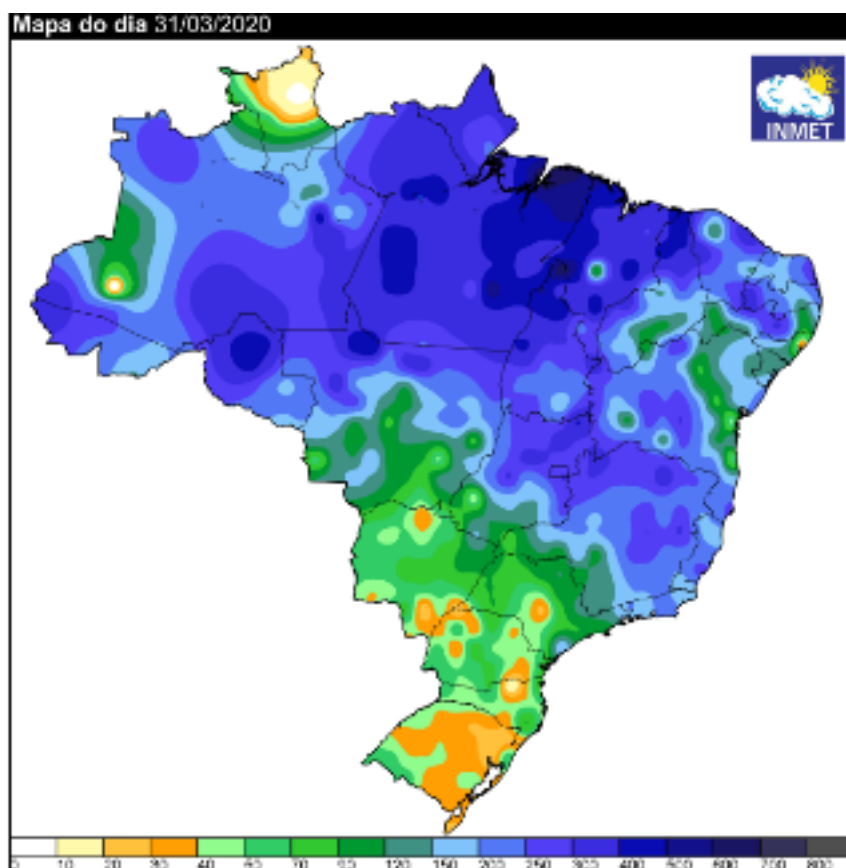
De maneira geral, os totais de precipitação na Região Sul do Brasil variaram entre 30 mm e 90 mm em março, visto que o Rio Grande do Sul ficou com totais entre 15 mm e 50 mm, o mais afetado pela falta de chuvas. Em Torres(RS), cuja média histórica é de cerca de 150 mm, foram registrados apenas 20 mm na estação meteorológica do Inmet. Além do pouco volume de precipitação acumulada, a baixa frequência de dias com chuva em muitas localidades - não foi mais do que quatro ocorrências em todo o mês - contribuiu ainda mais para a continuidade e o aumento do déficit hídrico no solo.

Também nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, algumas localidades de São Paulo e Mato Grosso do Sul apresentaram volumes de chuva abaixo da média

para março. Nessas localidades, os totais ficaram entre 50 mm e 110 mm. Contudo, nos outros estados dessas regiões os volumes acumulados foram predominantemente acima da média, com totais variando entre 150 mm e 400 mm. Em Pedra Azul, no semiárido mineiro, o volume acumulado foi de 230 mm, superando consideravelmente a média histórica de 90 mm. Destaque também para Brazlândia-DF, onde o total acumulado registrado pela estação automática do Inmet superou a marca dos 500 mm.

No Matopiba, as chuvas em março foram igualmente generosas, com ocorrência de precipitações significativas em quase todos os dias, resultando em grandes volumes acumulados, o que, em alguns momentos, dificultou a colheita de grãos. Predominantemente, os totais na região ficaram na faixa entre 200 mm e 400 mm. Porém, em algumas localidades, o total ficou acima dessa faixa. Em Carolina e em Balsas, no Maranhão, os totais foram 550 mm e 410 mm, respectivamente, e em Araguaína, no norte de Tocantins, foram registrados 580 mm.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em março/2020 no Brasil.



Fonte: Inmet.



4.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

Durante a segunda quinzena de março, grande parte do Oceano Pacífico Equatorial manteve o padrão de neutralidade, com desvios (positivos e negativos) inferiores a $0,5^{\circ}\text{C}$. Isso indica que o Oceano Pacífico Equatorial não teve papel preponderante no clima do Brasil durante março.

A variabilidade diária da temperatura da superfície de mar (TSM) ficou em torno de $0,6^{\circ}\text{C}$ nos últimos 20 dias (até 6 de abril), como pode ser observada no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña na área 3.4 (entre 170°W - 120°W). Contudo, por si só, esse panorama não é suficiente para caracterizar uma condição de El Niño, pois necessitaria de uma persistência por período muito mais longo, o que provavelmente não ocorrerá.

Considera-se que o Oceano Pacífico Equatorial está

na fase neutra, quando as anomalias médias de TSM estão entre $-0,5^{\circ}\text{C}$ e $+0,5^{\circ}\text{C}$.

Por outro lado, no Atlântico Tropical, ainda persiste a formação de um Dipolo negativo, ou seja, o Atlântico Tropical Sul mais quente que o Tropical Norte, como se observa no mapa da última quinzena de março. O sinal positivo do Dipolo vem favorecendo o período de chuvas no norte das Regiões Norte e Nordeste do Brasil desde janeiro, e a manutenção desse padrão deve contribuir com a regularidade das chuvas em abril nessas regiões.

Também no Atlântico, próximo à costa do Rio Grande do Sul e do Uruguai, observa-se um predomínio de anomalias negativas na segunda quinzena de março. Tal condição foi desfavorável ao fluxo de umidade do oceano em direção ao Sul do Brasil.

Figura 2 -Mapa de anomalias da TSM no período de 16 a 31/3/2020

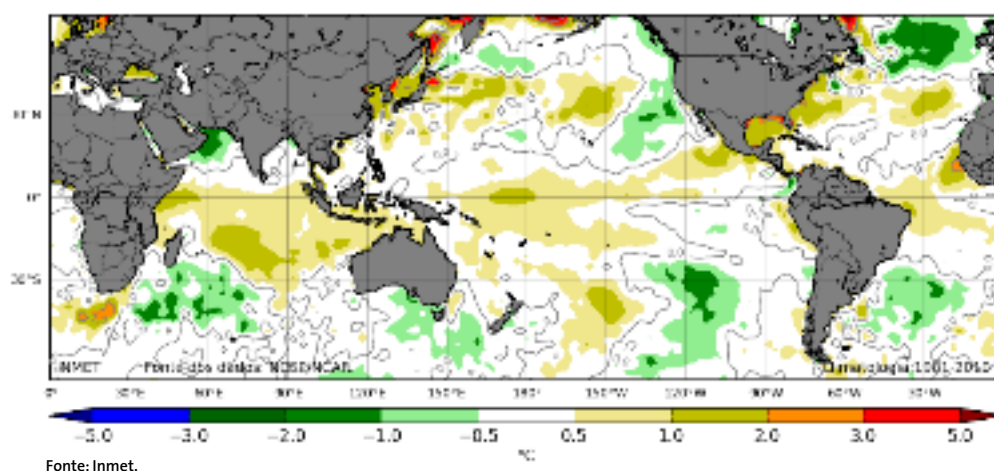
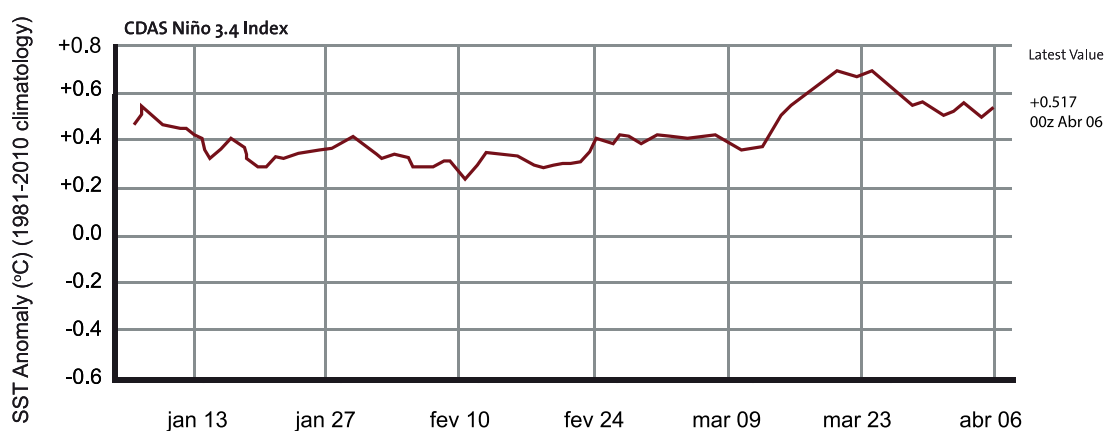


Gráfico 3 - Gráfico de monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



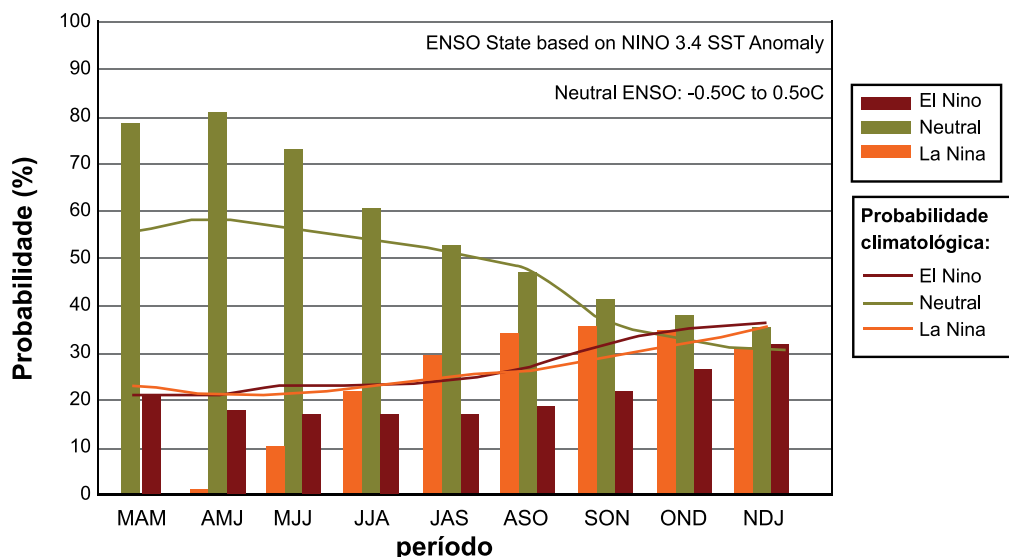
Fonte: <http://www.tropicaltidbits.com/analysis>



O gráfico com a média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta probabilidade de 80% de que o trimestre abril-maio-junho se mantenha na

fase neutra, indicando ainda a persistência nos trimestres seguintes até o final do inverno, porém com probabilidades menores.

Gráfico 4 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



Fonte: IRI- <https://iri.columbia.edu/our-expertise/climate/forecasts/ens0/current/>

4.3.1. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO ABRIL-MAIO-JUNHO/2020

Para a Região Sul, as previsões climáticas indicam que as chuvas devem permanecer próximas ou abaixo da média climatológica do trimestre na maior parte da região, porém com risco de grande variação temporal na distribuição das chuvas ao longo dos três meses. Em abril, as chuvas devem ficar mais concentradas na primeira semana e mais escassas nas duas ou três seguintes.

Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, a previsão indica o predomínio de áreas com chuvas abaixo da média durante o trimestre. Ainda em abril, em algumas localidades no centro-norte de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso e no sul do Mato Grosso do Sul, as previsões de chuvas indicam volumes mais significativos que nas demais localidades dessas duas regiões do País.

Para a Região Nordeste, a previsão climática indica

maior probabilidade de chuvas dentro da faixa normal ou acima em quase toda a sua totalidade, exceto em parte da Bahia, onde as probabilidades indicam que a chuva do período pode ficar abaixo da média.

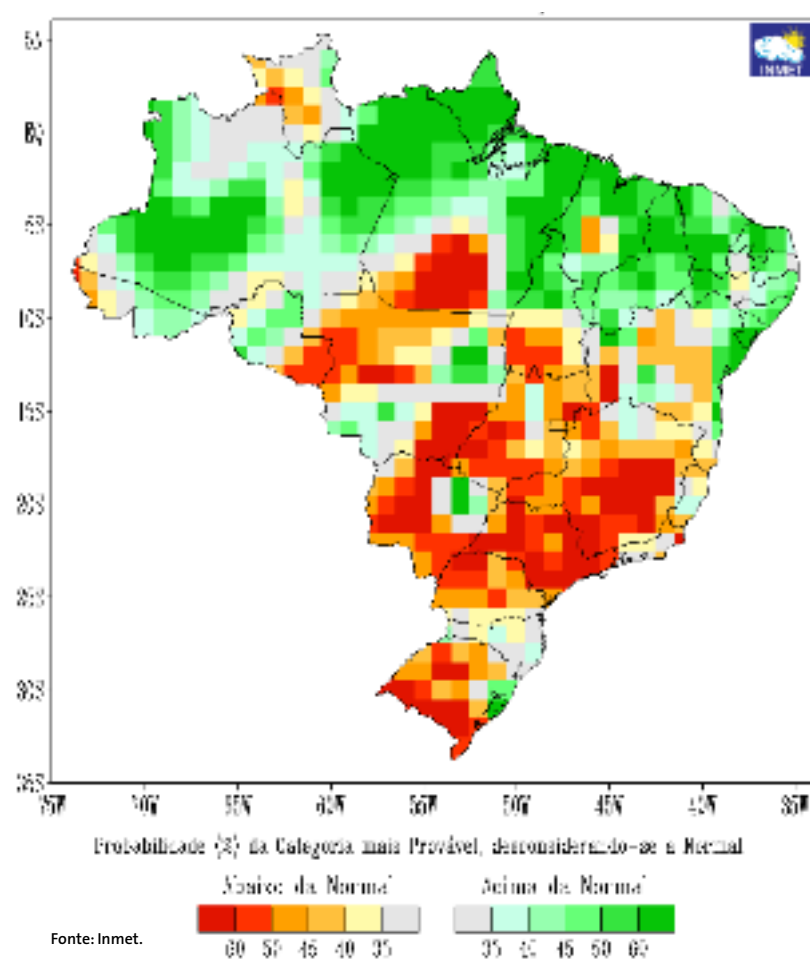
A previsão para a Região Norte indica maior probabilidade de chuvas acima da média climatológica na faixa norte da região.

Quanto às temperaturas, as previsões indicam que devem predominar temperaturas acima da média histórica na maior parte do Centro-Oeste e do Sudeste; na faixa normal no norte do Nordeste e possibilidade de ficar abaixo na Região Sul e parte de Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (www.inmet.gov.br).



Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação para o trimestre março-abril-maio/2020





5.1. MAPEAMENTO DE ALGODÃO EM GOIÁS – SAFRA 2018/19

O mapeamento, realizado por imagens de satélite, tem por objetivo contribuir com a estimativa de área e produtividade. Na estimativa de área, o resultado do mapeamento contribui no levantamento e na análise da informação declaratória, como um dado objetivo passível de verificação em campo. Na estimativa de produtividade, o conhecimento da localização das áreas auxilia o monitoramento agrícola, a partir da análise de parâmetros agrometeorológicos e espectrais.

5.1. METODOLOGIA DO MAPEAMENTO

Informações da Conab coletadas “in loco” e de fontes colaboradoras, públicas e privadas, que atuam no setor, foram utilizadas como referência para identificação das áreas produtivas nas imagens de satélite. Utilizaram-se imagens dos satélites da Missão Sentinel-2, composições RGB – 432 (cor verdadeira) e 843 (falsa cor) de 10 metros de resolução espacial, que compreenderam o período da safra 2018/19.

O reconhecimento das áreas de algodão foi realizado por meio de interpretação visual. As lavouras de algodão são caracterizadas durante o estágio reprodutivo pela coloração arroxeada e durante a maturação pela coloração branca e alta reflectância da pluma.

5.2. RESULTADOS DO MAPEAMENTO

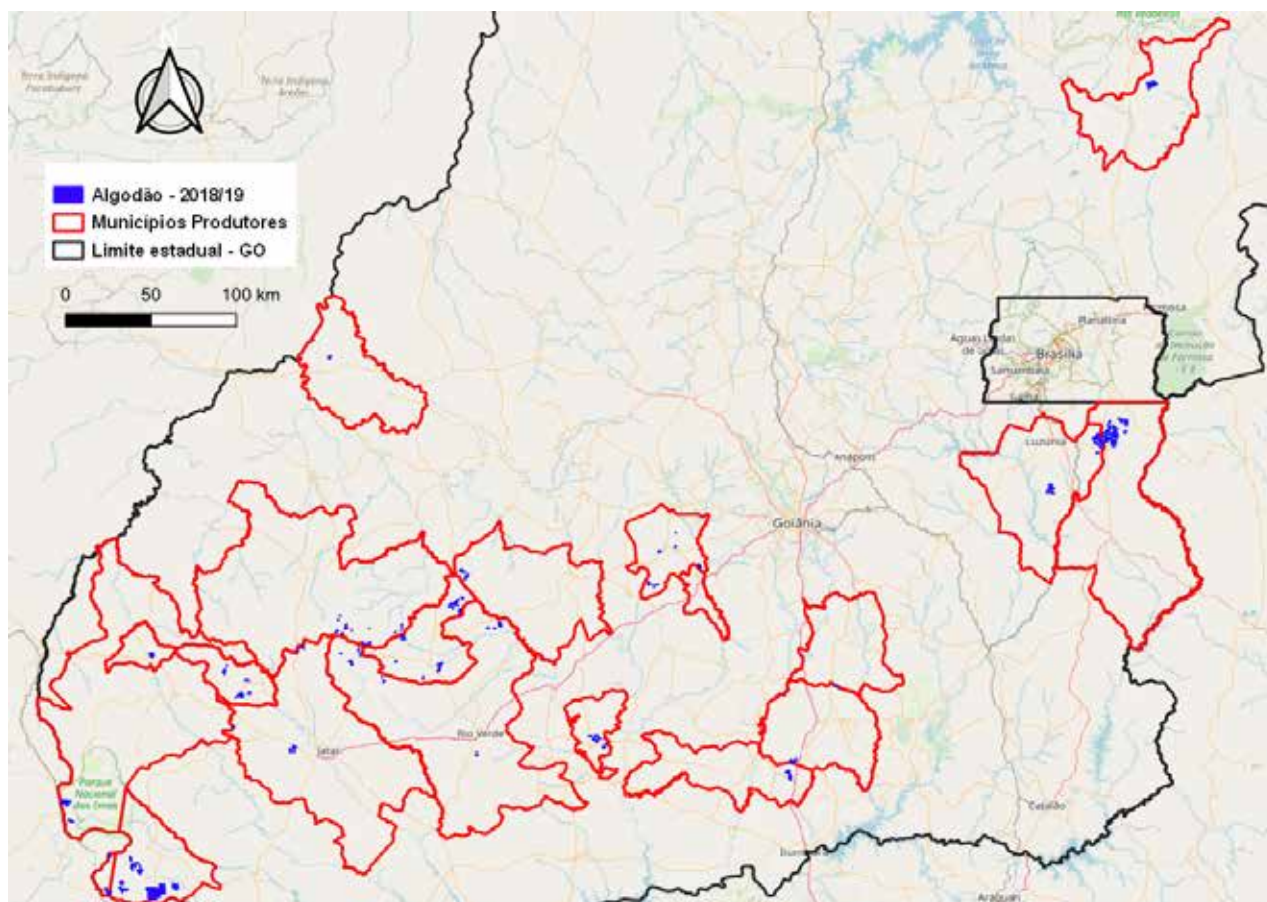
No mapa abaixo, visualizam-se as áreas produtoras de algodão em Goiás durante a safra 2018/19. É possível verificar que a maior parte da área de algodão está no sul e ao leste do estado e cerca de 49% da área produtiva está concentrada em três municípios.

O município de Chapadão do Céu, na divisa com o Mato Grosso do Sul, é o maior produtor, representa 25% da área total. Já os municípios de Cristalina e Lu-

ziânia, próximos ao Distrito Federal, abrangem cerca de 24% da área.

Os arquivos relativos ao mapeamento estão disponíveis no site da Conab para download no endereço <https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/mapeamentos-agricolas> e para visualização no Portal de Informações Agropecuárias - <https://portaldeinformacoes.conab.gov.br/mapeamento/dashboard-mapeamento>

Figura 4 - Áreas produtoras de algodão em Goiás – Safra 2018/19



Fonte: Conab



6. ANÁLISE DAS CULTURAS

6.1 CULTURAS DE VERÃO

6.1.1. ALGODÃO

Seguindo o viés de crescimento das safras anteriores, a expectativa para a cotonicultura nesta temporada 2019/20 se mantém elevada, com perspectiva de ultrapassar os 7 milhões de toneladas de algodão em caroço produzidos. As condições climáticas continuam favoráveis às lavouras nos principais estados produtores. Além disso, a área destinada ao plantio da cultura foi superior àquela registrada na safra passada, alcançando cerca de 1.677,1 mil hectares semeados.

Na Região Norte são esperados cerca de 19,4 mil hectares semeados com a cultura nessa safra. Tal área está distribuída entre Roraima, Rondônia e Tocantins. Quanto à produção, a estimativa atual é de aproximadamente 75,4 mil toneladas de algodão em caroço colhidas na região.

Em Roraima, o plantio do algodão irrigado acontece, costumeiramente, a partir de maio. Diante disso, a área estimada para a produção segue a mesma apresentada na safra anterior.

Em Rondônia, o plantio da cultura aconteceu a partir da colheita da soja de primeira safra. Ao todo foram semeados cerca de 9,8 mil hectares, localizados entre os municípios de Vilhena, Pimenteiras do Oeste e Cabixi. Atualmente, as lavouras estão em fase de desenvolvimento vegetativo e floração. A expectativa no estado é

que sejam colhidas 36,8 mil toneladas do algodão em caroço, indicando incremento de mais de 88% em relação ao volume obtido na safra passada.

Em Tocantins, as lavouras estão em excelente condição de desenvolvimento, favorecidas pelas precipitações regulares, até o momento. A cultura se encontra em desenvolvimento vegetativo e início da fase reprodutiva. Houve um crescimento de aproximadamente 55,2% da área plantada no estado, quando comparada a 2018/19, alcançando 6,8 mil hectares semeados neste ciclo. Regiões que anteriormente eram semeadas com soja, passaram a cultivar o algodão, especificamente nos municípios de Peixe e Campos Lindos.

Na Região Nordeste, segunda maior produtora do país, a expectativa é de redução na área plantada, atingindo 363,2 mil hectares, distribuídos em seis estados produtores.

No Maranhão, os 26,5 mil hectares semeados com a cultura nesta safra representam redução de 4,3% na área plantada em comparação a 2018/19. As condições apresentadas, até o momento, favorecem o desenvolvimento das lavouras, e a expectativa de produção está acima daquela registrada na temporada anterior.

No Piauí foi semeada uma área de 19,5 mil hectares, correspondendo a um incremento de 21% em relação à área da safra passada. Esse acréscimo está relacionado à expansão de áreas agrícolas que já eram destinadas à cotonicultura, bem como a incorporação de novas fronteiras que antes estavam atreladas ao estado de Tocantins. Atualmente, a maior parte das lavouras está em desenvolvimento vegetativo e abertura dos botões florais.

Na Bahia, a cotonicultura está concentrada no extremo-oeste e no centro-sul do estado, com lavouras manejadas tanto em regime de sequeiro quanto em condição irrigada, por meio de gotejamento e pivô central. Para esta safra foram destinados cerca de 315,1 mil hectares para o cultivo do algodão, representando redução de 5,1% em relação à área semeada no último exercício. Com o plantio das lavouras de sequeiro finalizados em meados de janeiro de 2020 e o das lavouras irrigadas no final de fevereiro, os eventuais impactos climáticos devido ao veranico registrado no fim de 2019 não foram confirmados. Atualmente, as lavouras estão em estágio de florescimento e enchimento dos frutos, com expectativa de rendimento de 4.400 kg/ha.

Na Região Centro-Oeste, principal produtora da fibra, a estimativa é de crescimento na área plantada em comparação a 2018/19. São cerca de 1.244,3 mil hectares semeados na região, sendo mais de 93% só em Mato Grosso.

Em Mato Grosso, o plantio de algodão foi finalizado em meados de fevereiro, uma vez que atualmente as lavouras estão, predominante, em estágio de desenvolvimento vegetativo. O espaço destinado à cultura é de 1.169,3 mil hectares, simbolizando aumento de 7% em relação à área semeada no exercício anterior, em resposta ao mercado que demonstrou preços atrativos para a comercialização da pluma. De maneira geral, a safra tem apresentado boas condições para a evolução da cultura, favorecendo assim o alcance do seu potencial produtivo. A perspectiva é de uma produção acima dos 5 milhões de toneladas de algodão em caroço.

Em Mato Grosso do Sul, tanto o algodão primeira safra como o de segunda safra já foram plantados. Ao todo são 32 mil hectares, representando diminuição de 13,5% em comparação à temporada passada. O algodão primeira safra está majoritariamente entre as fases de floração e início da maturação, enquanto o algodão segunda safra está em início da fase reprodutiva. Na região denominada de Baús se concentra a maior área de algodão do estado, localizada entre os municípios de Costa Rica e Chapadão do Sul. Nessa região predomina propriedades de grande porte, onde os investimentos realizados na cultura são principalmente com recursos próprios. Em fevereiro, as chuvas foram regulares e suficientes, porém em março, as precipitações ficaram mais escassas, afetando especialmente as lavouras mais precoces, de primeira safra. Até o momento, a estimativa de produção para o estado é de 143,5 mil toneladas, indicando redução de 13,1% em relação a 2018/19. Na Região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo são os estados que apresentam produção de algodão nesta safra. São cerca de 49 mil hectares ao todo, visto que a maior parte dessa área está localizada em terras mineiras.

Em Minas Gerais foram semeados cerca de 37,8 mil hectares com a cultura, demonstrando decréscimo de 9,9% em relação à área plantada na safra anterior. A estimativa para a produção é de aproximadamente 161 mil toneladas de algodão em caroço.

Em São Paulo, o algodão tem se desenvolvido satisfatoriamente nas diversas regiões produtoras. A umidade do solo atende às necessidades de desenvolvimento da planta. Um ponto que diferencia a produção de algodão na região sudoeste do estado (maior região produtora) é o início precoce do plantio, que acontece em outubro. Esses produtores antecipam o plantio visando a colheita em uma situação mais vantajosa de preços. Também há a implantação de variedades precoces na região visando colher antecipadamente. De maneira geral, a área plantada no estado foi de 11,2 mil hectares, sinalizando aumento de 13,1% em comparação ao ciclo anterior. Já a produtividade estimada, até o momento, apresenta redu-



ção de 2,3% em relação ao mesmo período, ficando em 4.100 kg/ha.

Na Região Sul, o Paraná é o único estado produtor nesta safra, com uma área plantada de aproximadamente

1.200 hectares, pulverizada em vários municípios do norte do estado. A produtividade estimada, até o momento, é a mesma da safra anterior, ficando em 3.000 kg/ha.

Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
	Sul Maranhense - 2ª Safra			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C	C	C
PI	Sudoeste Piauiense		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
BA	Extremo Oeste Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	M/C	C		C
	Centro Sul Baiano		P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	M	M/C	C	C		C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	M/C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra	PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	M/C
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra		P/G/DV	DV	F	F/FR	FR/M/C	M/C	M/C	C	C		C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Leste Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra		P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C		C
	Sul Goiano - 2ª Safra			P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.1.2. AMENDOIM

6.1.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

O amendoim é cultivado em duas safras, sendo a primeira safra a principal. São estimados que o Brasil produza 545,1 mil toneladas nesta safra, aumento de 25,4% em relação à safra passada, atingindo uma área de 157,4 mil hectares, um crescimento de 7,2% em relação à safra anterior.

No Paraná, a área plantada foi de 1,7 mil hectares, 19% menor que a safra passada, concentrada no norte do estado, com uma produtividade estimada em 2.593 kg/ha. Houve queda no rendimento em relação ao mês passado, atribuída à falta de chuvas, principalmente no início do ciclo. Atualmente as condições das lavouras ainda são de regulares

para boas. Ainda há 22% da área em fase de enchimento de grãos. O produto já colhido está sendo comercializado por R\$ 55 a saca de 25 quilos. A maior parte da produção é comercializada com as indústrias regionais de doces e empacotadores.

Em São Paulo, o amendoim foi altamente beneficiado pelas boas condições climáticas. O clima foi extremamente favorável ao longo de todo o desenvolvimento da cultura. A estimativa é de uma produtividade média de 3.560 kg/ha, em uma área de 141,1 mil hectares, um crescimento de 7,5% em relação à safra anterior.



Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra										
		OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Araraquara	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Assis	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Bauru	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Marília	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	P/G	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
Favorável
Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Na Paraíba, com a média histórica de área em torno de 400 hectares plantados, a safra atual deverá ter ligeiro incremento de áreas destinadas à cultura, to-

talizando 600 hectares, com produtividade média de 771 kg/ha.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
BA	Nordeste Baiano	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Metropolitana de Salvador	C							PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Ribeirão Preto							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Presidente Prudente							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Marília							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Assis							P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	CC

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
Favorável
Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.1.3. ARROZ

O sétimo levantamento da cultura de arroz da safra 2019/20 indica que a área plantada será de 1.650,5 mil hectares, 2,8% menor que a safra passada.

A área irrigada está estimada em 1.286,8 mil hectares, retração de 4,7% em relação à safra anterior. Enquanto no arroz de sequeiro deverá ocorrer incremento de 4,9% de área em comparação a 2018/19.

Na Região Norte, a avaliação é que a área plantada seja em torno de 225,9 mil hectares. Com isso, a região deverá se configurar como a segunda maior produtora nacional de arroz.

Em Rondônia, o cultivo é exclusivamente de sequei-

ro. A área de cultivo nesta safra deverá ser de 42,5 mil hectares, desses, 38,4 mil hectares com primeira safra e 4,1 mil hectares com safrinha. A cultura em primeira safra já foi semeada 100% no estado, a concentração da semeadura ocorreu em dezembro. Entre os principais municípios produtores podemos destacar: Cujubim, Rio Crespo, Alto Paraíso, Itapuã do Oeste, Candeias do Jamari, São Miguel do Guaporé e Porto Velho. A cultura em primeira safra está fenologicamente assim distribuída: 5% em enchimento de grãos, 45% em maturação e 50% já colhida. As características fenológicas da cultura em segunda safra são as seguintes: 5% em germinação/plântula, 35% em desenvolvimento vegetativo/perfilhamento, 45% em floração e 15% em frutificação/panícula. A aparência da lavoura



é considerada satisfatória, com um dossel uniforme e pouca competição com plantas daninhas. Com relação à sanidade não há problemas maiores, em casos pontuais o excesso de chuva prejudicou a germinação em alguns talhões, com ausência de sistematização da área. Cerca de 73% da produção já foi comercializada, dado o compromisso firmado com as empresas que financiam a rizicultura no estado, além do avanço natural da colheita.

O calendário agrícola para essa safra ficou um tanto atrasado, no que concerne às chuvas iniciais, muito embora não impactando a cultura da primeira safra, visto que sua implantação no campo ocorreu majoritariamente em dezembro. A tendência nesta safra foi de concentração da semeadura ocorreu em dezembro, e esse fato diminui a janela de implantação da cultura da segunda safra, podendo atrasar seu estabelecimento a campo e ter menor oferta de água para seu suprimento.

No Acre, o plantio de arroz é unicamente em sequeiro. Inicia-se no período chuvoso, de outubro a dezembro, época mais favorável ao desenvolvimento da cultura. Geralmente a cultura é consorciada com outras culturas, como o milho, após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão-comum cores. A área estimada nesta safra se mantém em 4,9 mil hectares. De acordo com a época de plantio e as condições climáticas favoráveis à colheita, a cultura encontra-se com 100% colhida.

No Pará, a expectativa da safra com o arroz total é de incremento de 12,1% de área a ser plantada em relação à safra 2018/19. Ao todo serão cerca de 41,8 mil hectares destinados ao cultivo da cultura nesta temporada, sendo 5,6 mil hectares para o arroz irrigado e 36,2 mil hectares em sequeiro.

Em Tocantins, a cultura do arroz de sequeiro é praticada por dois tipos de produtores distintos, os pequenos produtores, que são a maioria, e os produtores comerciais, que plantam em áreas de primeiro ano, visando posterior cultivo de soja, sistemática que está em desuso no estado, pois a maioria tem optado por semear a soja já no primeiro ano. A colheita foi iniciada em todo o estado nas áreas semeadas por pequenos agricultores. As produtividades estão condizentes com o grau de tecnologia usada. As áreas maiores, normalmente de abertura de cerrado, começam a ser colhidas na primeira quinzena de abril, e a expectativa é de boas produtividades devido às precipitações uniformes que ocorreram no estado. Com relação ao plantio irrigado de primeira safra, a colheita já alcança mais de 55% da área semeada. As lavouras têm alcançado produtividades superiores às da safra passada, porém ainda é cedo para se falar em recordes

de produtividade. As chuvas frequentes ocorridas em março atrasaram os trabalhos de campo em todas as regiões. Foram relatados acamamento de lavouras, principalmente nas beiradas dos tabuleiros devido ao crescimento excessivo e o excesso de precipitação no final do ciclo. Na região do Formoso do Araguaia o atraso na colheita prejudicou a qualidade dos grãos em algumas lavouras, com redução do rendimento no beneficiamento. Em algumas áreas da região de Lagoa da Confusão, o excesso de chuva na floração causou diminuição da fertilidade das espiguetas e como consequência, diminuição do peso de 1.000 grãos. A colheita deve se estender até a primeira semana de maio. Já para o plantio do arroz irrigado segunda safra, como forma de diversificar as opções de plantio, alguns produtores de Cristalândia e Pium resolveram plantar soja nas áreas antes plantadas com arroz para em seguida entrar com o arroz irrigado. O plantio começou no início de janeiro. As lavouras se encontram na fase reprodutiva e, até o momento, não foram relatados problemas fitossanitários diferentes dos usuais. Mais de 3 mil hectares já foram semeados.

Em Roraima há duas épocas distintas de produção para o arroz: a primeira, considerada como primeira safra, iniciou sua semeadura a partir de setembro e, eventualmente se estenderia até dezembro, porém houve atraso nas operações, e a estimativa é que ainda restem 10% da área prevista para ser cultivada em janeiro de 2020; a segunda, o arroz de segunda safra é semeado em maio, com perspectiva de colheita até outubro. De modo geral, a área destinada à rizicultura no estado deverá ser de 10,3 mil hectares, com maior proporção de área cultivada na primeira safra (cerca de 7,8 mil hectares). Diante da complexidade de se manter ou aumentar a área de produção de arroz, a cultura é desenvolvida apenas por produtores já tradicionais no estado, sem atrair novos empresários rurais para o ramo. A principal região produtora do estado compreende os municípios de Bonfim, Cantá e Normandia. Os 7,5 mil hectares de arroz irrigado de verão plantados de setembro a dezembro está com 65% da área colhida. A produtividade apresentou queda, para 6.750 kg/ha, devido à grande incidência de ataque de pragas, com destaque às cigarrinhas. Apesar do atraso do início do plantio nesta safra, em virtude das chuvas estendidas a setembro e consequentes alagamentos acima do padrão nas áreas de várzea, a colheita está dentro do cronograma habitual. Diante da complexidade de se manter ou aumentar a área de produção de arroz, a cultura é desenvolvida apenas por produtores já tradicionais no estado, sem atrair novos empresários rurais para o ramo. Não há previsão de alteração de área plantada para o próximo cultivo de verão.



Arroz irrigado de inverno (por inundação): o arroz irrigado por inundação, no período das chuvas, é plantado no início de maio, concentrando a colheita em setembro. Ainda que haja a expectativa da manutenção de 2,8 mil hectares, não há projeções de quantitativo de área para a safra de inverno, referente a 2019/20, principalmente pela dificuldade encontrada no controle de pragas na safra de verão. A qualidade da produção desta safra é de elevada importância, pois cerca de 10% desse plantio é destinado para produção de sementes.

No Amazonas, o cultivo de arroz no estado acontece basicamente para o consumo próprio, em sistema de sequeiro e não atende a demanda de consumo local. A região é altamente dependente de importação desse produto. Entre os principais fatores relacionados à redução das áreas de cultivo, destacam-se a baixa disponibilidade de cultivares com alto potencial produtivo nas condições de clima e solo do Amazonas, a baixa qualidade dos grãos produzidos, o uso reduzido de práticas adequadas para manejo adequado da cultura, dificuldade de acesso dos produtores aos financiamentos destinados a preparo da área e mecanização. Além disso, grande parte do cultivo de arroz nos municípios se dá em ecossistema de terra firme, onde predominam solos com fortes limitações quanto à fertilidade e produzido por agricultores com poucos recursos financeiros e tecnológicos.

Na Região Nordeste, a expectativa é de retração da área plantada com arroz irrigado em 2,6% e incremento de 9,7% no arroz de sequeiro. Perfazendo um total de 155,8 mil hectares, incremento de 8,3% em relação à safra passada.

No Maranhão, o cultivo de arroz com o uso de irrigação controlada, com formação e manutenção de lâmina de água, é restrito aos municípios de Viana, Vitória do Mearim, Arari e São Mateus. A área plantada de arroz irrigado de 1.600 hectares foi semeada de junho a agosto de 2019, e colhida de novembro de 2019 a janeiro de 2020. A produtividade média apresentada foi de 5.875 kg/ha, 21,6% superior à obtida na safra passada. A redução de área de arroz irrigado observada nas últimas safras se deve à dificuldade de manuseio adequado da cultura e das exigências da legislação ambiental, bem como baixa rentabilidade frente ao alto custo de investimento. Em que pese as lavouras de arroz de sequeiro sofrerem gradativamente perda de espaço para outros sistemas produtivos, considerados pelos produtores de maior rentabilidade e menor risco, nesse levantamento evidenciamos que a área plantada deve sofrer um ligeiro acréscimo na ordem de 7,7% em relação à safra anterior, passando a área de 81,9 mil hectares para 88,2 mil hectares. É importante destacar que, essa sazonalidade no ta-

manho observado da área plantada de arroz possui relação direta com a quantidade total de novas áreas abertas para cultivo extensivo de soja, uma vez que alguns produtores ainda optam pelo cultivo de arroz nos primeiros anos antes de implantar as lavouras de soja. Alguns municípios das regiões da Baixada Maranhense e Médio Mearim, cultiva-se arroz em ambiente denominado “sequeiro favorecido”, que são áreas de baixadas (planas), onde os solos são caracterizados como plintossolos, com má drenagem. Portanto, as chuvas, as enchentes dos rios ou o afloramento natural do lençol freático formam lâminas de água, mas sem controle de irrigação. O cultivo de arroz nessa região é realizado com uso de tecnologia, com variedades de arroz irrigado, e atinge-se uma produtividade média mais elevada que a média estadual.

No Piauí, a área de arroz total sofreu incremento na ordem de 15%, atingindo 53,6 mil hectares, e a produtividade esperada gira em torno dos 1.675 kg/ha. O plantio desta cultura iniciou-se na segunda quinzena de novembro em algumas áreas do cerrado piauiense, e atualmente se encontra concluída em todas as regiões do estado. As lavouras se encontram em boas condições e atualmente estão predominantemente na fase de floração. Nas áreas irrigadas, onde predomina a agricultura empresarial, o plantio é iniciado em maio.

Em Alagoas, a cultura do arroz irrigado primeira safra possui ciclos de produção por região. Estima-se que a área se mantenha em cerca de 2,8 mil hectares nesta temporada, bem como previsão de produção de 19,4 mil toneladas, e na manutenção também na produtividade de 6.930 kg/ha em relação à anterior.

Em Pernambuco, o arroz irrigado cultivado no estado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, onde são cultivadas às margens e sobre ilhas do Rio São Francisco, ali o plantio normalmente tem início em fevereiro e se estende até maio. Toda a área cultivada é conduzida por agricultores integrados à única empresa de beneficiamento de arroz da região, a qual, por sua vez, fornece os insumos e assistência técnica para os produtores. De acordo com as informações levantadas, neste ano está projetado um incremento na área cultivada de 25%, ou melhor, passará de 410 hectares para 500 hectares. No tocante ao rendimento, este foi reajustado para 8.500 kg/ha, com perspectiva de chegar aos 10.000 kg/ha.

Na Paraíba, a média histórica registrada na última década é de 1,4 mil hectares, entretanto, a impossibilidade de competitividade com os preços do produto vindo de outras regiões do país fez com que parte dos produtores deixasse a exploração da cultura do arroz.



As frustrações ocorridas em safras pretéritas, desestimularam o avanço de novas áreas e, para esta safra, registra-se 1,1 mil hectares da cultura, com produtividade média de 1.061 kg/ha.

No Centro-Oeste, terceira região que mais produz arroz no país, a previsão é de incremento na área plantada, quando comparada com a última safra, nas áreas de arroz de sequeiro, onde indica que a área plantada será de 118,4 mil hectares, aumento de 1,5%, quanto nas destinadas ao arroz irrigado sinaliza que a área plantada será de 33,7 mil hectares, retração de 11,8%.

Em Mato Grosso, a colheita do arroz de sequeiro primeira safra atinge 57% e, mesmo assim, as cotações não cedem muito em âmbito estadual. Pelo fato de os preços estarem elevados, os produtores rurais vendem praticamente ao mesmo ritmo que colhem, atendendo uma demanda até pouco tempo atrás suprida por produto oriundo do Rio Grande do Sul. Os preços operam com queda moderada por se tratar do auge da colheita. Mesmo com os elevados preços, houve retração de área nesta safra em 2,5%, saindo de 121,3 mil hectares para 118,3 mil hectares, limitado pela concorrência com a soja de primeira safra. Melhores pacotes tecnológicos para o arroz foram feitos, tendo em vista seu maior retorno neste momento, o que deve resultar em maior produtividade média estadual, na ordem de 3.389 kg/ha, ante os 3.196 kg/ha, do último ciclo. Além de elevada produtividade, a qualidade do grão é considerada excelente. A colheita se estenderá por abril e calcula-se que, até o fechamento de março, 40,3% da safra tenha sido negociada. Já para o arroz segunda safra observa limitação de sua área plantada, cujo plantio se restringiu a apenas 5,9 mil hectares, observando tendência estadual de menor espaço alocado à cultura na segunda safra, tendo sido semeados 10,9 mil hectares no último ciclo. Seu cultivo é restrito à área abaixo de pivôs, com a finalidade de rotação de culturas, especialmente com a soja, de modo a se quebrar o ciclo de nematoides. O arroz está todo plantado, e sua colheita ocorrerá em maio e junho.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada com a cultura no estado é de 11,2 mil hectares, com perspectivas de boas produtividades, em torno de 6.300 kg/ha. Atualmente (primeira semana de abril de 2020) toda a cultura já foi plantada no estado, e as lavouras se encontram com 15% em maturação e 85% colhidas. A colheita ocorreu num longo período de tempo, desde setembro de 2019 até o presente momento, devido ao escalonamento de plantio. As condições climáticas estão favoráveis ao pleno desenvolvimento da cultura em questão. Algumas localidades têm demonstrado certa preocupação com ventanias, mas, até o momento, ainda não foram re-

gistrados danos significativos na cultura. Atualmente a preocupação dos produtores são os percevejos, pois eles se alimentam da soja e migram para o arroz após a colheita da leguminosa. Algumas plantas daninhas também estão sendo identificadas nas áreas de cultivo, isso acaba elevando os custos com mais aplicações de herbicidas. Embora percevejos e daninhas estejam sendo identificados nas áreas, estes estão dentro do índice de infestação, e os produtores estão conseguindo controlar com eficiência. Com relação à comercialização, estima-se que 70% dos grãos colhidos já foram comercializados.

Em Goiás, o arroz de sequeiro se encontra com bom regime de chuvas na fase reprodutiva das lavouras espalhadas em comunidades em diferentes pontos do estado. Essas áreas possuem baixa tecnologia e muitos não tiveram nenhum posicionamento do governo quanto ao fornecimento de insumos e sementes. Em relação ao arroz irrigado, considerado plantio de seca, com o calendário de plantio distribuído entre julho e outubro, onde a parcela que foi semeada em julho já está sendo colhida, com um rendimento momentâneo de 4.962 kg/ha, podendo ser aumentado até o fim da colheita, em uma área total de 4.100 hectares. Já o plantio considerado de chuva tem o calendário de plantio de novembro a fevereiro, e a área estimada é de 5.310 hectares, com o plantio finalizado em fevereiro, os estádios de desenvolvimento estão distintos, com cerca de 30% em fase de desenvolvimento vegetativo, 20% em formação de panícula, 20% em fase de enchimento de grãos e 30% já se encontra colhido. As lavouras se apresentam com boa sanidade devido ao regime de chuvas favorável à cultura na região. A maior parte da produção de boa qualidade fica no estado com os compradores das principais marcas que beneficiam o arroz. Produtos de classificação tipo 2 seguem para as mesmas empacotadoras, porém têm destino para outros estados do Norte do país. Estima-se que a área plantada com o arroz seja entre 22,6 mil hectares, divididos entre o plantio de sequeiro, estimado em 6 mil hectares, e o plantio irrigado, com uma área estimada de 16,6 mil hectares. Colheita com 45% colhido. As demais áreas devem atingir ponto de colheita nas próximas semanas.

São Paulo sinaliza retração na área para o arroz de sequeiro, em 31,6%. Quanto para o arroz irrigado retração em 2,7%. O produto é pouco cultivado no estado. A lavoura que é em grande parte irrigada se encontra colhida (25%), em frutificação (20%) e o restante em maturação (55%). A qualidade da lavoura está, em geral, boa. Durante a fase reprodutiva não houve nenhum tipo de estresse que prejudicasse a produtividade, que está em torno de 4.200 kg/ha. Outra razão que influência nessa redução é a concorrência com o arroz oriundo do Rio Grande do Sul, maior produtor



nacional, além disso, outra informação a ser considerada também é que os poucos produtores que plantam arroz estão buscando outras alternativas, tais como milho e a soja.

Em Minas Gerais, a intenção de plantio do arroz de sequeiro e de várzea úmida permanece inalterada em relação à safra passada, principalmente pela falta de competitividade com o produto produzido no Sul do Brasil. As alterações no ciclo das chuvas têm desestimulado os produtores em razão dos riscos constantes. Predomina o cultivo de subsistência, e as lavouras são geralmente conduzidas com baixo nível de tecnologia, uso de sementes próprias e praticamente sem adubação. Nas lavouras de sequeiro, várzea úmida e áreas irrigadas, as estimativas de rendimento permanecem inalteradas. A aquisição de arroz por intermédio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), pelas prefeituras e governo do estado é o que tem mantido o cultivo do produto, considerando a aquisição por meio da agricultura familiar, de no mínimo 30% do valor financeiro destinado anualmente à alimentação escolar. Lavouras em fase de florescimento (50%) e enchimento de grãos (50%).

Na Região Sul, o cultivo de arroz é quase que totalmente irrigado, apenas um percentual pequeno no Paraná é cultivado o de sequeiro. Estima-se que a área plantada com o arroz irrigado seja de 1.102,8 mil hectares, enquanto para o arroz de sequeiro a estimativa aponta manutenção em 3 mil hectares em relação à safra anterior.

No Paraná, esta cultura com o arroz sequeiro primeira safra ocupa apenas 3 mil hectares no estado, composta predominantemente de pequenas áreas. Os cultivos são de subsistência e de baixa tecnologia. Houve um incremento de 300 hectares em relação ao mês passado. Algumas áreas de assentamento que não haviam sido percebidas anteriormente. Já para com o arroz irrigado primeira safra é de manutenção da área de 18,8 mil hectares reportados no mês passado. A colheita avança para mais de 70% da área semeada. O produto colhido é de boa qualidade. As produtividades estão muito boas, 3,7% superior ao mês passado. As chuvas também foram favoráveis nas fases vegetativa e reprodutiva.

Em Santa Catarina, a colheita do arroz segue evoluindo bem, visto que até a quarta semana de março cerca de 76% das áreas já estavam efetivamente colhidas e apresentando boa qualidade do produto. Até o final do mês a previsão é que 100% da área da região norte do estado já tenha sido colhida, e o restante esteja em estágio avançado de maturação na região sul do estado de Santa Catarina, indicando a proximidade do final do ciclo produtivo. O déficit hídrico que se abateu

sobre a cultura em algumas regiões do estado teve influência na reinfestação de plantas daninhas. No norte do estado a estiagem aumentou a incidência de cigarrinha e de *Rhizoctonia*, associadas. Segundo os técnicos consultados, algumas áreas tiveram perdas significativas. Se antes as estimativas de colheita eram além da média, pode-se dizer que as atuais são mais conservadoras nesta região. No sul do estado, a estiagem para as lavouras que ficam entre a BR-101 e o mar, provocou um fenômeno de entrada de água salina nos tabuleiros, prejudicando a cultura. A produtividade média nesta região será compensada pelas regiões mais afastadas do mar. Não há relatos de cigarrinha e *Rhizoctonia* no sul do estado, mas já existe um temor, haja vista que no centro do estado estes problemas já ocorrem, e o receio é que se tenha problemas na próxima safra, agravada pela seca. De maneira geral, atualmente as condições climáticas estão favorecendo a colheita. Na região norte o cultivo da soca ou rebrote será efetivado por grande parte dos produtores (70% a 80%), aproveitando as condições ainda favoráveis de clima e os patamares de preços elevados, inclusive com investimentos em adubação e defensivos. No sul do estado, como a colheita ocorre mais tarde e, portanto, as condições de clima não são propícias à prática, esse percentual tende a ser bem menor. No geral, as produtividades das áreas onde não houve problemas com falta de água têm sido elevadas, pois a alta insolação durante o ciclo proporcionou a elevação do potencial produtivo, o que resultou no aumento da média estadual, até o momento. Contudo, como ainda faltam em torno de 25% das áreas a serem colhidas, os resultados somente serão confirmados no próximo levantamento.

No Rio Grande do Sul, as condições meteorológicas de março, com pouquíssima chuva e dias quentes e ensolarados, favoreceram a aceleração dos processos de maturação e colheita do arroz, que evoluiu significativamente desde o levantamento anterior. A alta incidência de radiação solar também deve favorecer as lavouras que foram semeadas fora do período preferencial para a cultura, já que essas ainda estão em enchimento de grãos. A colheita evoluiu em apenas 3%, verificados no levantamento anterior, para 52% no atual. Os outros 40% estão em maturação e 8% em enchimento de grãos. As regiões mais adiantadas são a Fronteira Oeste, com mais de 70% já colhidas, Planície Costeira Interna e Campanha, de 40 a 50%, Planície Costeira Externa e Sul, de 30 a 40%, enquanto a Central é a mais atrasada, com menos de 20%. O atraso na colheita desta última é reflexo do atraso na semeadura, já que boa parte das lavouras foi semeada apenas em dezembro. Com a previsão que o tempo seco deve seguir no estado, a colheita deve avançar de forma consistente em todas as regiões. A ausência de chuvas significa-



tivas nos últimos meses, associada à alta demanda hídrica das lavouras, devido às altas temperaturas, fez com que o nível das barragens, bem como dos rios e riachos, que servem de fonte de água para as lavouras, tenham sido significativamente reduzidos. Com isso, em alguns locais foram verificados problemas de abastecimento, que podem ter prejudicado o potencial das lavouras, embora isso não seja um problema generalizado. A ocorrência de dias secos também favoreceu as lavouras na questão sanitária, já que reduziu significativamente a incidência e severidade das principais doenças que acometem o arroz. Foram verificados apenas alguns problemas de infestação por plantas invasoras, justamente nas áreas com deficiência na irrigação ou naquelas em que as chuvas no início do cultivo dificultaram a apli-

cação de defensivos. Em meados de fevereiro houve a incursão de algumas frentes frias que provocaram temperaturas mínimas abaixo do ideal para a cultura, principalmente nas regiões Campanha e Sul. É de se esperar que as lavouras que se encontravam em floração e início de enchimento de grãos nesse período apresentem uma redução de produtividade, a ser verificado no próximo mês, já que essas lavouras ainda não foram colhidas. No geral, as lavouras têm apresentado produtividades muito boas, principalmente as primeiras colhidas. A produtividade média, até o momento, com 50% das lavouras colhidas, está estimada em 7.833 kg/ha, um pouco superior às estimativas iniciais, mas cerca de 6% acima da safra passada, que sofreu com severos alagamentos e perdas de áreas. Mais de 3 mil hectares foram semeados.

Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
RO	Leste Rondoniense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PA	Sudoeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudeste Paraense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
TO**	Ocidental do Tocantins			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MA	Centro Maranhense						P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense				P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
PR**	Noroeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SC**	Norte Catarinense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Vale do Itajaí	PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul Catarinense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C				
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Centro Oriental Rio-grandense		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre		PP	P	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				
	Sudeste Rio-grandense		P	P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.

6.1.4. FEIJÃO

O feijão faz parte do hábito alimentar do brasileiro. Tradicionalmente, o grão é consumido e produzido nos quatro cantos do país, uma vez que o volume colhido é quase que totalmente destinado ao consumo interno.

Agronomicamente, a cultura é considerada de ciclo curto e, por isso, apresenta uma vantagem para o produtor, que consegue adequar o seu plantio dentro de uma janela menor, sem ter que abrir mão da produção de outros grãos ainda no mesmo ano-safra. Nesse cenário, o Brasil possui três épocas distintas de plantio, favorecendo assim uma oferta constante do produto ao longo do ano. Dessa forma, tem-se o feijão de

primeira safra (semeado entre agosto e dezembro), o de segunda safra (cultivado entre janeiro e abril) e o de terceira safra (semeado de maio a julho).

Atualmente, o feijão primeira safra está praticamente colhido, com uma estimativa de produção de 1.070,8 mil toneladas em uma área cultivada de aproximadamente 926,5 mil hectares. Já para o feijão segunda safra, a semeadura está em andamento nas diferentes regiões produtoras do país. Contudo, a expectativa é de pequena redução na área plantada em comparação a 2018/19, devendo ficar em 1.401,6 mil hectares, porém incremento na produção, que pode chegar a 1.328,4 mil toneladas.



6.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Ao todo foram destinados cerca de 926,5 mil hectares para o plantio de feijão na primeira, safra de 2019/20, com indicativo de produção na ordem de 1.070,8 mil toneladas. Os principais destaques nesse período são:

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é intensivamente cultivado na primeira safra, especialmente nas Regiões Sudeste e Sul. Para esta temporada, foram cultivados cerca de 375,8 mil hectares com a cultura no período, devendo alcançar cerca de 582,7 mil toneladas produzidas em todo país.

Na Região Norte, o Pará se coloca como único estado produtor nesta safra, semeando cerca de 4,3 mil hectares. De maneira geral, as lavouras são conduzidas em pequenas áreas, com a maior parte delas concentrada no município de Trairão, na região da transamazônica. A agricultura familiar é a responsável pelo plantio de uma parcela significativa da área com feijão-comum cores. A expectativa é que sejam colhidas 2,7 mil toneladas com a cultura neste ciclo.

Na Região Nordeste, a Bahia é o grande destaque na produção de feijão-comum cores primeira safra. Nesta temporada, a área plantada foi de 59,1 mil hectares, visto que até o final de março de 2020 foram colhidos cerca de 25% desse total. Ao todo, a expectativa é que o estado produza 29,1 mil toneladas dos grãos.

Na Região Centro-Oeste foram semeados 52,1 mil hectares com a cultura nessa primeira safra, distribuídos entre as quatro Unidades da Federação. Goiás é o grande destaque da região, com mais de 75% desse total de área plantada.

Em Mato Grosso, a colheita foi encerrada para o feijão-comum cores primeira safra. A área plantada nesta temporada atingiu 2,2 mil hectares, com uma produção de 4,7 mil toneladas. Mesmo com os bons preços do feijão, a opção pela cultura na primeira safra é preterida à da soja, cultura que apresenta excelente rentabilidade e facilidade de comercialização.

Em Goiás, os 39,5 mil hectares plantados com o feijão-comum cores nessa primeira safra estão totalmente colhidos. Foram produzidas cerca de 83 mil toneladas, apresentando um pequeno incremento de 0,6% em relação ao volume colhido na temporada passada.

No Distrito Federal, as lavouras já foram colhidas, e o resultado apresentado foi superior aquele obtido na

Paraná, Minas Gerais e São Paulo, sendo o primeiro deles grande produtor de feijão-comum preto e os demais se destacando na produção do feijão-comum cores.

safra anterior, principalmente em razão do aumento de área plantada registrado em 2019/20. De maneira geral, a produção alcançou 23,8 mil toneladas, representando incremento de 6,3% em comparação a 2018/19.

Na Região Sudeste, a previsão é colher aproximadamente 292 mil toneladas com o feijão-comum cores nessa primeira safra, sendo a segunda região de maior produção no país.

Em Minas Gerais, a área destinada à cultura foi de 131,4 mil hectares, simbolizando acréscimo de 4,9% em comparação ao exercício anterior. Da mesma forma, a produtividade média do estado foi superior àquela registrada em 2018/19, ficando em 1.329 kg/ha. Isso gerou uma produção de 174,6 mil toneladas, perfazendo a maior produção entre os estados brasileiros do feijão-comum cores nesta primeira safra.

Na Região Sul houve diminuição na área plantada em comparação a 2018/19 em razão, principalmente, das condições climáticas desfavoráveis registradas à época do plantio. Foram semeados 74,3 mil hectares na região, com maior destaque para o Paraná. Ao todo são esperadas cerca de 146,3 mil toneladas de feijão-comum cores nesta primeira safra.

No Paraná, a colheita está finalizada, com uma produção de 92,1 mil toneladas, representando incremento de 12,6% em relação à temporada passada, mesmo com redução de área plantada.

Em Santa Catarina, cerca de 72% dos 18,5 mil hectares semeados já estão colhidos. Das lavouras remanescentes, 26% está em fase de maturação e 2% em granação. Quanto às suas condições, 40% das lavouras podem ser consideradas boas, 58% em condições regulares e 2% em condições ruins. A safra caracterizou-se por chuvas em volumes inferiores à média e mal distribuídas durante boa parte do ciclo. Um veranico na última semana de dezembro de 2019 e na primeira quinzena de janeiro de 2020 favoreceu a colheita nas áreas semeadas em setembro e outubro (19%). Já aquelas semeadas em novembro e dezembro (81%), padrão nos campos de altitude, foram prejudicadas por terem o suprimento de água restringido no momento em que as plantas mais necessitavam. Em



razão do clima mais seco, o controle de doenças foi facilitado, e o ataque de pragas foi feito dentro do esperado para a condução da cultura. De maneira geral, a produção está estimada em 36,2 mil toneladas, indicando redução de 6,9% em comparação a 2018/19.

No Rio Grande do Sul, a cultura foi bastante afetada

Feijão-comum preto

No Distrito Federal foram semeados 900 hectares com o feijão-comum preto nessa primeira safra, apresentando diminuição de 10% em comparação ao ano passado. A maior produtividade em relação à safra anterior, 2.000 Kg/ha, contra 1.900 kg/ha, não foi suficiente para compensar a produção anterior, totalizando na atual 1,8 mil toneladas.

Em Minas Gerais foram semeados 8,5 mil hectares de feijão-comum preto. O cultivo se concentra nas regiões da Zona da Mata, Central e Rio Doce. A colheita já foi concluída, alcançando 7,6 mil toneladas.

No Paraná, a produção do feijão-comum preto foi 35,1% superior à safra passada, chegando a 227,2 mil toneladas. As condições climáticas foram favoráveis à cultura ao longo do ciclo e isso impactou diretamente no rendimento médio das lavouras.

Feijão-caupi

Na Bahia, as lavouras localizadas no extremo-oeste, que foram semeadas em novembro de 2019, já estão totalmente colhidas. Já as lavouras no centro-norte e centro-sul do estado foram semeadas em janeiro e fevereiro de 2020 devido ao atraso na chegada das chuvas e ainda se encontram em fase de enchimento de grãos e maturação, com colheita prevista para início de abril. São esperadas cerca de 59,2 mil toneladas do grão nessa primeira safra.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi está en-

pela seca ocorrida ao longo do ciclo. A produtividade média que historicamente tem se mantido em torno de 2.700 kg/ha, caiu para 1.800 kg/ha nesta safra, representando redução de 33% em relação à temporada anterior. O cultivo ocorreu basicamente na região de Vacaria, e a colheita se encontra com mais de 80%.

Em Santa Catarina, a colheita está quase finalizada, com cerca de 97% da área já colhida. No geral, a qualidade do produto colhido tem sido muito boa. A produção de feijão-comum preto na primeira safra deve atingir 38,4 mil toneladas, sendo 6,1% a mais que na safra 18/19.

No Rio Grande do Sul restam apenas algumas áreas a serem colhidas no município de Campos de Cima da Serra para concluir a colheita. A produtividade média obtida, até o momento, é de 1.375 kg/ha, 9,5% abaixo do verificado na safra anterior. As perdas foram maiores nas regiões em que o cultivo ocorre mais tarde, como nas regiões do Planalto Médio, Norte e Campos de Cima da Serra, especialmente em razão do período de estiagem ocorrido no estado. Nas regiões mais a oeste, Missões e Alto Uruguai, as lavouras escaparam das piores condições, mantendo produtividades dentro do esperado para cultura.

cerrada. A área plantada foi de 6,3 mil hectares, e a produção total ficou em 7 mil toneladas.

Em Minas Gerais, a área destinada ao feijão-caupi nessa primeira safra foi de 17,3 mil hectares. O plantio é voltado para a subsistência, mas em bons anos de chuvas o excedente é comercializado em mercados municipais da região. Ao todo, são esperados cerca de 9,5 mil toneladas.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano				PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Sul Baiano						P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
MT	Sudeste Mato-grossense				P/G	DV	F	FR/M/C	M/C				
	Norte Mato-grossense				P/G	DV/F	F/FR	M/C	C				
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal					P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Norte de Minas					P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C			
	Triângulo Mineiro/Alto Para-naíba				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	FR/M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C			
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

	Baixa restrição - falta de chuvas		Favorável		Média restrição - falta de chuva		Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



6.1.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

A estimativa, até o momento, é que sejam destinados cerca de 1.401,6 mil hectares para o plantio de feijão nessa segunda safra. Muitas áreas já foram semeadas

e estão em fase avançada de desenvolvimento. Outras, no entanto, ainda estão em pleno cultivo, concorrendo com a colheita dos grãos de primeira safra.

Feijão-comum cores

Na Região Norte, a área destinada ao plantio da cultura sofreu redução em comparação à temporada passada, principalmente em razão da ausência de cultivo em Tocantins. A expectativa é que sejam semeados 10,6 mil hectares nesta safra, sinalizando redução de 7,8% em relação a 2018/19.

Na Região Nordeste, a Bahia se destaca na produção do grão nessa segunda safra. A estimativa para esse ciclo é de 11 mil hectares semeados a partir do final de abril, uma vez que o manejo é exclusivamente irrigado em pivô central.

Na Região Centro-Oeste são esperados 87,9 mil hectares semeados com o feijão-comum cores nessa segunda safra, indicando uma diminuição de 13% em comparação ao exercício anterior, especialmente pela redução de área plantada em Mato Grosso.

Em Mato Grosso, o cultivo do feijão na segunda safra compete diretamente com o plantio de culturas como milho, algodão e gergelim, na destinação de área. De maneira geral, essas culturas apresentam menor variação de preços se comparadas ao feijão, além da possibilidade de fechamento prévio de contratos. Ainda assim, foram semeados cerca de 41 mil hectares com o feijão-comum cores nesse período. O plantio foi finalizado em março, e as lavouras estão em boas condições fitossanitárias, até o momento.

Em Goiás, a expectativa é de ao menos manter a área plantada com a cultura em relação a 2018/19. Os preços pagos pelo produto estão em patamar favorável e isso pode estimular uma maior destinação de área até o final do ciclo ou até mesmo na terceira safra.

Feijão-comum preto

A Região Sul é responsável por mais de 92% da área plantada com o feijão-comum preto nessa segunda safra. O Paraná é o grande produtor, com mais de 109 mil hectares semeados. No início da implantação das lavouras existiam condições que permitiram um bom desenvolvimento das plantas, porém a falta de precipitações registradas entre fevereiro e março pode afetar todo o potencial produtivo da cultura. Ainda assim, a estimativa é que o rendimento médio seja superior à temporada passada.

No Distrito Federal, o plantio foi concluído nos 900 hectares destinados à cultura nessa segunda safra. A produtividade esperada está em 2.200 kg/ha, com uma expectativa de produção de 2 mil toneladas.

Na Região Sudeste, Minas Gerais é o grande destaque na produção do feijão-comum cores segunda safra. São cerca de 124,6 mil hectares plantados, com perspectiva de obtenção de 167 mil toneladas do grão. Além de Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo também apresentaram plantio da cultura nesse ciclo, destinando 18,3 mil hectares e 5,3 mil hectares, respectivamente.

Na Região Sul, o Paraná apresentou redução na área plantada em comparação à temporada anterior, especialmente em razão da competição de área para o cultivo de culturas mais rentáveis, bem como a estiagem registrada entre fevereiro e março, dificultando o plantio dentro da sua janela ideal. Ainda assim, a estimativa é que sejam semeados 112,8 mil hectares no estado, podendo produzir mais de 223 mil toneladas. Além disso, Santa Catarina também destinou cerca de 3,3 mil hectares ao cultivo do feijão-comum cores, sendo semeados 56% dessa área ainda em janeiro e 44% em fevereiro. Na segunda quinzena de janeiro e ao longo de fevereiro houve baixo volume de chuvas, porém com uma frequência que permitiu às lavouras a germinação e o início do desenvolvimento vegetativo. No entanto, a partir do final de fevereiro se estabeleceu uma estiagem prolongada, que impactou nas lavouras, principalmente aquelas que estavam em fase crítica de desenvolvimento. Neste cenário, a previsão é de redução na produtividade média em relação a 2018/19.

Em Santa Catarina foram semeados 19,8 mil hectares, representando incremento de 14% em relação a 2018/19. A produtividade média estimada, até o momento, também apresenta acréscimo em comparação ao mesmo período. Dessa forma, a projeção é de serem colhidas 31,1 mil toneladas.

No Rio Grande do Sul, as condições climáticas para o desenvolvimento do feijão segunda safra foram desfavoráveis em razão da ausência de chuvas ao longo



do ciclo da cultura. Houve diminuição na área plantada em comparação a 2018/19, ficando em 16,3 mil hectares. Atualmente, as lavouras estão em fase vegetativa (47%), florescimento (47%) e enchimento de

Feijão-caupi

O feijão-caupi durante a segunda safra é bastante cultivado, especialmente no Nordeste brasileiro. Para essa temporada, a expectativa é que sejam semeados mais de 838 mil hectares com a cultura, com maior destaque para os estados do Ceará, Mato Grosso, Pernambuco e Paraíba.

Na Região Norte, Tocantins apresenta maior relevância na produção. Neste ciclo foram semeados 20,7 mil hectares, e a maioria das lavouras se encontram em estágio V2. As boas precipitações contribuíram para um bom estabelecimento do estande das plantas.

Na Região Nordeste, a projeção é que sejam plantados mais de 690 mil hectares com o feijão-caupi nessa segunda safra. O Ceará é o grande destaque, com plantio de 384,3 mil hectares e uma estimativa de produção na ordem de 108 mil toneladas. Pernambuco também destina uma área expressiva para o cultivo do grão. São mais de 107 mil hectares previstos nesse ciclo, com uma produção que deve chegar a 40,2 mil

grãos (6%), já se esperando uma redução do potencial produtivo. As perdas só não são maiores porque boa parte dos produtores de feijão nessa época cultivam sob pivô central.

toneladas.

Na Região Centro-Oeste, Mato Grosso e Goiás são os principais produtores. O primeiro deve ter cerca de 115,2 mil hectares destinados ao plantio do feijão-caupi nesse período. Tal área representa redução de 7% em comparação a 2018/19 em razão da maior competição com as culturas de milho, algodão e gergelim. Ressalta-se que as lavouras têm apresentado uma substituição no uso de cultivares tradicionais à região, como Tumucumaque e Nova Era, por variedades de maior valor agregado, tais como Mungo-verde e Azuqui. Já em Goiás, as áreas plantadas estão espalhadas em diversas localidades do estado, com maior concentração no oeste goiano e no vale do Araguaia em razão do regime de chuvas e do tipo de solo não ser muito propício para outras culturas de segunda safra, como milho e sorgo, nessas regiões. As duas variedades mais cultivadas são a Tumucumaque e Nova Era, que são bastante tolerantes ao baixo volume de chuvas.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
RO	Leste Rondoniense		PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
	Oeste Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
MA	Centro Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
	Sul Maranhense		P	DV	F	FR	M/C	C					
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Cearense		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul		PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
MT	Norte Mato Grosso		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Nordeste Mato Grosso		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sudeste Mato Grosso		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
GO	Noroeste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Norte Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Leste Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV/F	FR	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Central Mineira		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Vale do Rio Doce		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Oeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Campo das Vertentes		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
	Zona da Mata		P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C						
ES	Central Espírito-Santense		P/G	DV	DV/F	M/C	C						
SP	Campinas		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Assis		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga		P/G	DV/F	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	C						
	Metropolitana de Curitiba	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C						
SC	Oeste Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Norte Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
	Sul Catarinense	P/G	G/DV	F/FR	F/FR/M	M/C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C						

Legendas:

	Baixa restrição - falta de chuvas		Favorável		Média restrição - falta de chuva		Baixa restrição - excesso de chuva
	Média restrição - Excesso de chuva						

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado.



6.1.5. GERGELIM

Este produto vem ganhando espaço na produção brasileira e no mercado internacional. A área do gergelim é estimada em 160 mil hectares, e deverá apresentar um aumento de 201,9% em relação ao efetivado na temporada anterior.

Em Mato Grosso, o gergelim desponta como excelente opção de segunda safra devido a sua adaptabilidade ao clima e a sua rentabilidade. Calcula-se que sua área seja de 157 mil hectares em 2019/20, enquanto

que 53 mil hectares foram alocados à cultura na última safra. Antes restrita ao Vale do Araguaia, a cultura tem se expandido pelo estado.

As perspectivas de produtividade montam a 799 kg/há, e a colheita ocorrerá em junho e julho. Praticamente toda a área já foi plantada, e parcela significativa já foi negociada de forma prévia, por cifras entre R\$ 2,50 e R\$ 3 o quilo.

6.1.6. GIRASSOL

A Região Centro-Oeste é a principal produtora de girassol. Além da extração do óleo, é comum sua utilização na alimentação animal e humana.

Em Mato Grosso, a cultura do girassol sofre grande restrição de área plantada devido à concorrência com as demais culturas de segunda safra, tais como o milho, o algodão e até mesmo o gergelim, que apresentam maior rentabilidade e facilidade de comercialização neste momento.

O girassol tem perdido espaço a cada ano e calcula-se que, neste ciclo, 25,2 mil hectares foram semeados, queda de 33,7% em relação aos 38 mil hectares plantados na última safra. Em passado recente, a área da cultura chegou a 126 mil hectares.

Os trabalhos de plantio foram encerrados em março e estima-se que 93% da safra esteja negociada.

Em Goiás, a maior parte do girassol plantado é decorrente de contratos firmados com uma indústria processadora de óleo de girassol no estado.

Foram cultivados 23 mil hectares. A expectativa de rendimento é apontada em torno de 1.578 kg/há, com colheita prevista para junho e começo de julho. As lavouras estão em fase de desenvolvimento.

O plantio é com a venda garantida por meio de contrato. Com 50% de custeio feito por revendas de insumos e 50% com recursos próprios.

Em Minas Gerais, estima-se significativa redução na área de plantio de girassol na safra atual, 16,6% menor, partindo de 1,2 mil hectares para 1 mil hectares. Esse processo de declínio vem ocorrendo desde a safra anterior nas regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

6.1.7. MAMONA

A estimativa para a safra 2019/20 é de retração na área plantada. A previsão é que sejam cultivados 45,6 mil hectares, comparando-se com os cultivados na safra anterior equivalem à diminuição de 2,1% na área.

O Nordeste é a principal região produtora, com destaque para a Bahia.

Estima-se retração de área para o Nordeste em 1,4%, e a produção é de cerca de 27,6 mil toneladas.

Na Bahia, as lavouras de mamona são cultivadas na região centro-norte, manejadas por pequenos produtores, majoritariamente em regime de sequeiro, com algumas poucas experiências irrigadas. Nesta safra estima-se o cultivo de 42,9 mil hectares, visto que 50% dessas lavouras são remanescentes da safra passada (soca) e as outras 50% foram semeadas em janeiro e fevereiro

As lavouras se apresentam em fase de frutificação e enchimento de grãos, com colheita prevista para maio, com expectativa de produzir 27,4 mil toneladas. As lavouras se apresentam com ótimo vigor, as chuvas favoreceram o desenvolvimento das lavouras e a recuperação das socas da safra passada.

A produção é comercializada para o mercado atacadista, que destinam a mamona para as indústrias de processamento.

Em Mato Grosso, a mamona também apresenta área bastante limitada neste ciclo, com plantio de 2,1 mil hectares em 2019/20, pouco abaixo dos 2,5 mil hectares semeados no último ciclo.

A despeito do excelente potencial da cultura, no que se refere à rentabilidade e benefícios agrônômicos, ainda não será neste ano que a cultura despontará



como relevante em área, limitada pelos concorrentes de segunda safra, como milho, algodão e gergelim.

6.1.8. MILHO

6.1.8.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

O milho apresenta uma participação de aproximadamente 25% na oferta total, uma vez que o plantio do cereal compete no período, com a soja, que detém, pelo menos, até o momento, a preferência dos produtores brasileiros. Nesta safra, a maior procura pelo cereal, relacionada ao aumento das exportações, uso do cereal na produção de etanol e aumento do confinamento, entre outras razões, estimularam o aumento na área plantada para o período de verão em 2,8% em relação à temporada passada, revertendo a tendência estabelecida por várias safras.

Na Região Norte-Nordeste, as expectativas estabelecidas para a cultura estimularam fortemente o plantio com incremento na área, atingindo 9,7% em relação ao ano passado, ocupando uma área de 1.314 mil hectares, contra 1.198,3 mil hectares da safra passada.

Em Rondônia, o produto está fisiologicamente maduro, pronto para a colheita. No entanto, quem for cultivar o feijão de segunda safra deixará a colheita para junho, coincidindo com a colheita do feijão, utilizando batedor estacionário acoplado ao trator, para trilhar em conjunto, o milho e feijão.

No Pará, as estatísticas para o milho plantado na primeira safra apontam para um incremento de 4% em relação à safra anterior, passando de 152,1 mil hectares para 158,2 mil hectares nesta safra. Apesar de alguns problemas com o clima, é esperado um incremento de 2,4% na produção, atingindo 455,6 mil toneladas.

Em Tocantins, as chuvas frequentes em março foram responsáveis pelo baixo ritmo da colheita. As grandes áreas estão em sua maioria em fase de maturação e começarão a serem colhidas em abril, após o término da colheita da soja. As lavouras apresentam excelente potencial produtivo e apresentaram incremento de área de 11,1% em relação ao exercício passado.

No Maranhão, a área plantada apresentou acréscimo de 23,5% em relação à safra anterior, saindo de 218,6 mil hectares para 270 mil hectares, nesta safra. Uma das razões desse incremento, além da janela de plantio favorável, foi a migração da área de soja para milho verão ocorrida na região sul do estado. O ren-

Seu plantio foi finalizado em março, e seus contratos comerciais já foram efetuados de forma prévia.

dimento médio estimado está previsto atingir 4.585 kg/ha. Os agricultores familiares contaram com sementes distribuídas pelo governo até a última semana de janeiro, além das sementes compradas, guardadas de uma safra para outra e pequena parcela de sementes crioulas. O cultivo praticado por esse público geralmente ocorre em consórcio com outras culturas, com baixa produtividade devido ao reduzido uso de tecnologia. Tem produção voltada basicamente para subsistência, uso para ração e venda de milho verde.

No Piauí, parte das áreas de soja migraram para o milho. Por essa razão, a área da safra atual atingiu 429,1 mil hectares, representando aumento de 14,8% em relação à safra passada. Atualmente a produtividade média esperada para a cultura gira em torno dos 4.206 kg/ha, correspondendo a um aumento de 6,1% em relação à safra passada, justificada por um aumento na área de agricultura empresarial, que é mais produtiva, e também devido às boas condições climáticas. Atualmente 100% da cultura se encontra implantada. O período de colheita está previsto iniciar no final de abril. Com relação às fases da cultura, predominam a frutificação, com uma área de cerca de 15% entrando em fase de maturação.

Na Bahia, as lavouras de milho de primeira safra ocupam a área de 361,5 mil hectares, mantida em relação à safra passada, com expectativa de produzir 1.470,2 mil toneladas. Os cultivos estão distribuídos pelo extremo-oeste, centro-norte e centro-sul do estado. As lavouras apresentam boa aparência, com perdas pouco significativas devido ao veranico ocorrido em dezembro e janeiro e aos danos pontuais de ataques das lagartas. Foi observada a colheita de milho por pequenos produtores no extremo-oeste, e os grandes produtores devem iniciar a colheita em meados de abril, quando a soja estiver com a colheita adiantada. No centro-sul e centro-norte, as lavouras estão em fase de enchimento de grãos e de maturação, com colheita prevista para meados de abril.

Na Região Centro-Oeste ocorreu importante incremento no plantio, com a área cultivada apresentando percentuais de elevação de 3,6% em relação ao plantio anterior, cultivando nesta safra 357,3 mil hectares, contra 345 mil hectares, no exercício passado.



Em Mato Grosso, devido à excelente rentabilidade da soja, a opção pelo milho se concentra na segunda safra. O milho plantado na primeira safra se limita a áreas bastante restritas, para atendimento a demandas específicas e pontuais. Calcula-se para este exercício uma área plantada de 41,2 mil hectares, 10,5% maior que os 37,3 mil hectares plantados em 2018/19. O rendimento médio está sendo estimado em 8.280 kg/ha, e calcula-se que 84,1% de sua área tenha sido colhida até o fechamento em março.

Em Goiás, o milho plantado na região leste e sul, encontra-se em fase final de maturação e, em algumas localidades, já em ponto de colheita. A previsão é que o início irá ocorrer em abril. Por enquanto não há relatos de problemas com relação à fitossanidade das lavouras. As perspectivas de produtividade são igualmente favoráveis, sendo esperada atingir 7.980 kg/ha, neste exercício. Na região central, oeste e norte, existem áreas dispersas e destinadas à produção de silagem (essas não são computadas no levantamento de safras).

Na Região Sudeste observou-se forte redução na área plantada em relação ao período anterior, estimada em 3,9%, atingindo 1.069,6 mil hectares, contra 1.113 mil hectares plantados na temporada passada.

Em Minas Gerais, embora as lavouras de milho já estejam em condições de serem colhidas, os produtores priorizam a colheita de soja. A colheita da oleaginosa ainda se encontra em andamento, pois houve atraso no plantio e agora, por ocasião da colheita, enfrenta as chuvas, que impedem a ação das máquinas. Estima-se que 80% da safra de milho já esteja colhida, com expectativa de encerramento no início de abril.

Em São Paulo, as excelentes condições climáticas, observadas no desenvolvimento das lavouras plantadas no período de verão, compensaram a forte redução na área plantada. As estimativas de produtividades são elevadas, em torno de 5.850 kg/ha.

Na Região Sul, a área plantada com o cereal experimentou aumento na área plantada, cerca de 2,2% em relação à safra passada. No entanto, a instabilidade do clima impactou fortemente o desempenho das lavouras, com a produtividade na presente safra atingindo 7.029 kg/ha, representando redução de 13,9% em comparação com a do exercício passado.

No Paraná, diferentemente do que ocorreu nos demais estados da região, o ano foi excepcionalmente bom para a cultura do milho de primeira safra. A produtividade média obtida foi a maior da história. Há relatos de casos pontuais de rendimento acima de 16 t/ha. O bom volume de chuvas na fase reprodutiva, as temperaturas amenas e a baixa incidência de pragas e doenças motivaram tal performance. O ritmo de colheita segue dentro da normalidade, um pouco mais adiantado que a média, pois o tempo seco foi favorável à continuidade das operações agrícolas. A colheita deve encerrar em abril.

Em Santa Catarina, a colheita do milho atingiu 84% da área, com destaque para a região oeste e a região do Planalto Norte, onde esta operação se aproxima do final. O Planalto Sul ainda possui muitas lavouras a serem colhidas, mas têm peso menor na produção estadual. A produtividade média alcançada, até o momento, mostra que as estiagens ocorridas ao longo do ciclo da cultura, as quais vêm persistindo, causaram algum grau de comprometimento. Com exceção dessa região, as produtividades foram até mesmo superiores às estimativas iniciais, alcançando, em alguns casos, mais de 12.000 kg/ha, algo não visto em safras anteriores. Na região do Planalto Sul, os rendimentos devem ficar muito aquém, alcançando variação em alguns casos, de 4.000 kg/ha a 6.000 kg/ha, que contribuirão para que, na média, ocorra uma redução estimada de 2%, saindo de 8.580 kg/ha, na safra passada, para 8.408 kg/ha, na atual.

No Rio Grande do Sul, a despeito da elevada intenção de plantio em relação à safra passada, em cerca de 5%, as perdas provocadas pelo clima em março se acentuaram. A seca que assola o estado não permitiu que as lavouras se recuperassem, proporcionando perdas muitas vezes superiores a 50% em relação à estimativa inicial dos produtores. Com a colheita já chegando à cerca de 75% da área cultivada, ainda existem 2% em desenvolvimento vegetativo, 2% em floração, 5% em enchimento de grãos e 16% em maturação. A expectativa de produtividade foi mais uma vez revista, baixando para 5.196 kg/ha, uma redução de 32,1% em relação à safra passada. Esta safra se apresenta como uma das piores verificadas em anos recentes, com regiões apresentando perdas acima de 50%. Outro dado importante é que, mesmo em locais com irrigação, houve grandes perdas devido às altas temperaturas verificadas nesse verão.



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra														
		AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MA	Oeste Maranhense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Sul Maranhense					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
PI	Norte Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Extremo Oeste Baiano				P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
CE	Centro Norte Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano					P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sudeste Mato-grossense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Leste Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul Goiano				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
RN	Distrito Federal			PP	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				C		
PB	Triângulo Mineiro/Alto Para-naíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				C		
PE	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
BA	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MT	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
GO	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
DF	Macro Metropolitana Paulista			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Noroeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
MG	Triângulo Mineiro/Alto Para-naíba			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Metropolitana de Belo Horizonte			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sul/Sudoeste de Minas			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campo das Vertentes			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Zona da Mata			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SP	São José do Rio Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
				P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Central Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana		P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C							
	Vale do Itajaí		P/G	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C						
RS	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	FR/M/C	FR/M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	FR/M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Sudeste Rio-grandense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Alta Restrição - Falta de Chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



6.1.8.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

Na Região Norte, a área plantada nesta temporada está prevista apresentar incremento de 7,2%, comparando ao ano anterior, atingindo 516,2 mil hectares.

Em Rondônia, a área cultivada nesta safra evoluiu 4%, saindo de 178, 8 mil hectares na safra 2018/19, para 186 mil hectares, na safra atual. Com a boa umidade do solo, onde as chuvas ainda estão acontecendo, as lavouras estão se desenvolvendo normalmente, apresentando os seguintes estádios da cultura: 2% em germinação, 70% em desenvolvimento vegetativo e cerca de 28% em floração. A semeadura do milho segunda safra foi iniciada em janeiro, logo após a colheita da soja, que já se encontra encerrada.

No Pará, o crescimento da área plantada com o cereal atingiu 3,8%. Os produtores já semearam cerca de 40% da área, e o clima apresenta-se favorável, com boa distribuição de chuvas. O sul do estado já está concluindo o plantio, e as lavouras estão se desenvolvendo bem. A área estimada para o plantio da segunda safra é de 101,1 mil hectares, e tem como maior produtor a região sul, com 56,24% de participação na área total. Na região, as lavouras já estão todas plantadas.

Na Região Nordeste ocorrerá forte incremento percentual na área plantada, 5,5% em relação à safra passada. O plantio está previsto atingir 1.113,5 mil hectares.

No Maranhão, os produtores, especialmente os situados na região sul, realizaram com sucesso a semeadura do milho segunda safra. A redução da janela de plantio ideal parece ter desestimulado os produtores, e a estimativa de área semeada atingiu 182,6 mil hectares, cerca de 5% abaixo do registrado na safra 2018/19.

No Piauí, a expectativa para o milho na segunda safra é de forte redução, na ordem de 20%, tendo em vista uma adequação à área cultivada da safra 2017/18 e também às condições climáticas no cerrado piauiense, que não estão favorecendo o planejamento do cultivo. O plantio teve início no final de fevereiro e se encerrou em março. A cultura se encontra no estágio de desenvolvimento vegetativo e com boas condições de desenvolvimento devido aos índices pluviométricos terem sido bastante favoráveis desde a implantação da lavoura. Dessa forma, a área para o milho segunda safra deve ficar em 62 mil hectares, com uma expectativa de produtividade em torno dos 4.459 kg/ha.

Em Tocantins, o plantio está finalizado e grande parte foi semeada dentro da janela ideal de plantio, esti-

mando-se que aproximadamente 15% da área se encontra fora dessa janela. Houve aumento de 11,8% na área cultivada em relação à safra passada. Os ótimos preços praticados no mercado, além das boas precipitações em março, animaram os agricultores a aumentarem suas áreas e também o grau de tecnologia.

Na Região Centro Oeste, principal produtora do cereal no país, a área plantada apresentará incremento de 6,1%, atingindo 8.680,9 mil hectares, contra 8.179,2 mil hectares, do ano passado.

Em Mato Grosso, o plantio do milho segunda safra foi encerrado em março, visto que 92,1% da área foi semeada entre janeiro e fevereiro. Mato Grosso apresenta forte incremento de área para este ciclo, na ordem de 10,6%, saltando de 4.869,1 mil hectares, para 5.385,2 mil hectares, nesta safra. Com a comercialização em patamares muito avançados, não apenas para a produção disponível, como também para a safra futura, a demanda tem oferecido lastro para este aumento de área e garantia de boa comercialização. Produtividade média elevada também é projetada para o milho na segunda safra. Há diversas variáveis que concorrem para um excelente rendimento médio, como os maiores investimentos atrelados à cultura, a crescente tecnologia empregada às lavouras e a semeadura de boa parte da safra dentro da janela.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área plantada com a cultura é de 1.840 mil hectares e há expectativa de redução de 1,1% em relação ao exercício passado. Com o pacote tecnológico adotado pelos produtores, a previsão é de obtenção de boas produtividades. Vários fatores ainda atuam para a indefinição da área de milho, tais como o deslocamento da época ideal do plantio da soja, o preço futuro do cereal no momento do plantio e a baixa umidade do solo, após a colheita da soja, que ocorre no momento. Na primeira semana de abril, as lavouras estavam com aproximadamente 95% das áreas plantadas, contra 100% da safra anterior. Estima-se que aproximadamente 25% dessas áreas foram semeadas fora do zoneamento ideal climático. Em todas as regiões produtoras a cultura está sofrendo ou sofreu com o estresse hídrico em março, fato que tem gerado preocupação junto aos produtores e demais agentes da cadeia de produção. Tal receio decorre principalmente do medo dos produtores em realizar plantios em atraso sem seguro agrícola, além da possibilidade de ocorrência de geadas em julho, quando as lavouras mais tardias estarão em fases reprodutivas e com menores recursos ambientais do outono (insolação, temperatura e precipitação). Como os produtores já estavam com os insumos nas propriedades, os atuais bons preços do milho e a previsão de re-



torno das chuvas no início de abril irão contribuir para que o planejamento do plantio seja cumprido, até os dez primeiros dias de abril.

Em Goiás, as condições das lavouras são consideradas boas, mesmo com os volumes de chuvas mais reduzidos. Plantio concluído e, na região sul, maior produtora, calcula-se que 40% já esteja nas fases de pré-pendoamento e apendoamento. O milho plantado em março, fora da janela ideal, possui perspectiva de produtividade reduzida, com a possível escassez de chuvas na época de enchimento de grãos. A maior parte das áreas se encontra na fase vegetativa, e estão recebendo tratamento fitossanitário. Considera-se que em torno de 45% do milho já esteja comercializado em virtude dos polos recentes de produção de etanol e também em razão da demanda das principais grandes empresas produtoras e fornecedoras de ração de aves/bovinos e suínos.

No Distrito Federal, as estimativas indicam manutenção da área semeada, ocasionada pelo atraso no plantio de verão, fator que reduziu a janela ideal de plantio. A produtividade média está estimada em 6.880 kg/ha, prevendo-se uma produção inferior à obtida na safra passada.

Em Minas Gerais, aguarda-se forte incremento na área plantada devido aos suportes dados pelo mercado, que possibilitam uma boa comercialização. O aumento percentual na área está previsto atingir 10,6% em relação ao verificado no exercício passado, atingindo, nesta temporada, 465,1 mil hectares. Até a semana do levantamento, cerca de 85% da área tinha sido semeada.

Em São Paulo, foi encerrado o plantio e a cultura segue apresentando excelentes condições, uma vez que

em fevereiro as chuvas foram intensas. Os estádios atuais das lavouras situam-se entre germinação, estimando-se em 70% da área plantada, e desenvolvimento vegetativo. A produtividade esperada, em razão dessas boas condições, gira em torno de 5.381 kg/ha.

Na Região Sul, a área plantada deverá apresentar, em virtude do desempenho previsto no Paraná, único produtor regional, redução de 2,7%, comparado ao exercício anterior.

No Paraná, a área prevista para o plantio atingiu 2.187,3 mil hectares, 2,7% inferior ao da safra anterior. A maior parte das lavouras se encontra em fase vegetativa, com algumas já atingindo estágio reprodutivo. Para essas últimas já é certa a redução no potencial produtivo e, para as demais, o potencial produtivo está sob alerta. Tudo isso foi devido ao baixo volume de chuva dos últimos dois meses. A elevada incidência de cigarrinha, constatada no levantamento anterior, recuou, e a praga está controlada. A colheita deve iniciar no próximo mês, timidamente, mas só ganhará escala a partir da segunda quinzena de julho. Devido aos altos preços praticados no mercado, a comercialização está mais acelerada que a média dos anos anteriores.

Dessa forma, a área semeada com milho segunda safra deverá apresentar incremento de 4,5% em relação ao exercício anterior. No entanto, as condições de instabilidade do clima nas Regiões Sudeste e Sul, geram a expectativa de comprometimento nos níveis de produtividade potencial, estimando-se uma redução de 1,4% em relação à safra passada, atingindo 5.603 kg/ha. Nessas condições a produção atingirá 75.436,8 mil toneladas, representando elevação de 3,1% em relação à safra passada.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET
RO	Leste Rondoniense - RO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
MA	Sul Maranhense - MA		P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	C
PI	Sudeste Piauiense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
CE	Noroeste Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Norte Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertões Cearenses		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Jaguaribe		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Centro-Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sul Cearense		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
RN	Oeste Potiguar		P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Potiguar			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PB	Sertão Paraibano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Agreste Paraibano			P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Sertão Pernambucano		PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MT	Norte Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
GO	Leste Goiano - GO		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - GO	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG		P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
SP	Assis - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Itapetininga - SP	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
PR	Noroeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Centro Ocidental Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Central Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Norte Pioneiro Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	
	Oeste Paranaense - PR	P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C	

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
Favorável
Média restrição - falta de chuva
Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

6.1.7.3. MILHO TERCEIRA SAFRA

A Conab inicia o monitoramento das safras em regiões consideradas como novas fronteiras. Nessas regiões, o plantio se concentra no período que se estende de maio a junho, assemelhado ao que acontece com as lavouras plantadas no Hemisfério Norte. Estamos nos referindo às produções localizadas nas regiões de Sealba (Sergipe, Alagoas e nordeste da Bahia), Pernambuco e também as localizadas nas áreas situadas acima da linha do equador, como as de Roraima.

Na Bahia, as lavouras de milho da terceira safra são cultivadas na região nordeste do estado, sobre o regime hídrico das chuvas de inverno. Os plantios são esperados ocorrerem em maio e junho. Cerca de 80% do milho da terceira safra é produzido com a utilização de elevado aporte tecnológico, e esta produção é destinada ao setor granjeiro (aves e suínos) do próprio estado e também da Região Nordeste do país.

A maioria dos produtores tem como característica não possuir maquinários, alugando-os para as principais

operações, como o plantio e a colheita. Os produtores mais capitalizados armazenam a produção em silos bolsas e os produtores menores vendem logo após a colheita. Esses plantios estão concentrados em áreas do Litoral Norte e Semiárido Nordeste II, obtendo-se produtividades que variam de 6.000 a 9.000 kg/ha.

O setor produtivo estima que esta produção seja suficiente para abastecer por quatro meses as granjas localizadas na Bahia e em Pernambuco. Alguns municípios do território Semiárido Nordeste II tem encontrado dificuldades no financiamento da safra 2019/20, pois perderam o zoneamento agrícola para lavoura de milho após a ocorrência de perdas em safras consecutivas. Cerca de 20% da produção é cultivada com menor uso de tecnologia por pequenos produtores, e a produção é destinada à subsistência das famílias agrícolas e suas criações. É comum o cultivo consorciado de lavoura de milho com feijão.

Em Roraima, situado acima da linha do Equador, e



cujo calendário de plantio coincide com o do Hemisfério Norte, os produtores reclamam do pequeno número de compradores e da baixa liquidez do produto, não conseguindo vislumbrar compradores suficientes para dar vazão aos excedentes de milho. Ressalte-se que a maioria dos produtores não dispõe de estrutura para armazenagem.

Uma vez que a janela de plantio da soja e do milho é a mesma, a expectativa é que os agricultores plantem ambas culturas, intercalando áreas e fazendo as necessárias rotações. Apesar da expectativa frente à valorização do milho em grãos no mercado, existe uma preferência natural pelo plantio da soja em virtude

6.1.9. SOJA

No exercício 2019/20 ocorreu crescimento de 2,7% na área plantada da soja em relação à safra passada, saindo de 35.874 mil hectares para 36.847,6 mil hectares, na atual. Esse comportamento foi respaldado pela forte liquidez que o produto apresenta na sua comercialização, ao comportamento recente do câmbio e à epidemia

6.1.9.1. REGIÃO NORTE-NORDESTE

Chuvas em atraso e irregulares caracterizaram o início da safra, nessa região. A partir de janeiro, com a normalização do clima de uma forma generalizada, observou-se a melhora significativa nas lavouras, resultando numa boa safra para o exercício 2019/20.

Em Rondônia, a área cultivada de soja está estimada em 348,4 mil hectares. Com o advento da soja safrinha, a semeadura foi iniciada em setembro/outubro, para que se possibilite fazer o plantio do milho segunda safra e recentemente o plantio da soja segunda safra. A colheita dessa segunda safra de soja precisa ocorrer até 15 de junho, início do período de vazio sanitário em Rondônia, que avança até 15 de setembro. Estima-se que aproximadamente 20 mil hectares serão plantados. Os percentuais e estádios da cultura da primeira safra são os seguintes: 2% em maturação e 98% já colhidos. Da segunda, 5% em germinação, 40% em desenvolvimento vegetativo e 55% em florescimento.

No Pará, a soja na região de Paragominas, principal região produtora, sofreu atraso na execução do seu cronograma. Atualmente, encontra-se em pleno desenvolvimento e em boas condições. Na região sul do estado, que responde por 25% da produção total, as chuvas foram intensas no período de colheita, apresentando uma incidência considerável de grãos ardidos. No Baixo Amazonas e Sudoeste do estado, as chuvas proporcionaram excelentes condições de desenvolvimento para a cultura. A área de soja está

das facilidades de comercialização, fatores que ainda não ocorrem com o milho.

Para a terceira safra, as estimativas iniciais dão conta de uma área plantada em torno de 511 mil hectares, que, a depender das condições climáticas, poderá atingir 1.156,5 mil toneladas.

Consolidando as informações, a estimativa nacional de plantio do milho, na temporada 2019/20, que contempla a primeira, segunda e terceira safras, deverá apresentar uma área totalizando 18.194,9 mil hectares, contra 17.492,9 mil hectares, acréscimo de 4% sobre o ocorrido na safra passada.

do coronavírus, com as suas repercussões nas cotações da oleaginosa. Mesmo considerando a existência de lavouras que ainda restam a ser colhidas, a produção brasileira nesta temporada deverá atingir 122.060,2 mil toneladas, representando aumento de 6,1% em relação ao período anterior.

estimada em 591,7 mil hectares, 5,4% maior que na safra passada. Sua produtividade está estimada em 3.061 kg/há, crescendo 0,6% em relação ao ocorrido no exercício anterior.

Em Tocantins, a colheita avança em todo o estado, já tendo superado 80% de área. As produtividades deverão ser superior à da safra passada.

As chuvas frequentes em março fizeram com que a colheita fosse paralisada por mais de três dias em algumas regiões, principalmente no norte do estado. Além da perda de potencial produtivo que essas lavouras apresentavam, foram relatadas perdas na qualidade da soja colhida devido ao aumento da porcentagem de grãos ardidos acima do tolerado.

O excesso de chuvas também aumentou a incidência de doenças de final de ciclo, principalmente o crescimento foliar. Essa doença é favorecida pelo clima quente e chuvoso e causa desfolha precoce na soja. Não houve grande incidência de ferrugem asiática. A colheita deve finalizar na terceira semana de abril.

No Maranhão, o cenário, especialmente o registrado na região sul, evidencia as dificuldades para finalizar a colheita em março, por conta do excesso de chuvas. O avanço da colheita ocorreu a partir dos últimos dias de março. Atualmente cerca de 55% da área de soja se encontra colhida. A área plantada de soja atingiu 976,4 mil hectares, inferior em 1,6% à área semea-



da na safra 2018/19. A produtividade média estima-se em 3.181 kg/ha, representando um aumento de 8,2% em relação à safra anterior.

No Piauí, a irregularidade e a baixa intensidade das precipitações pluviométricas, quando da implantação da cultura, ocasionaram um replantio de 11% das áreas de soja. Pouco mais da metade da área total replantada migrou para o milho, pois a janela de plantio da soja já havia encerrado e o milho apresentava condições de mercado bastante favoráveis ao produtor. Dessa forma, a área efetivamente plantada foi de 758,9 mil hectares, aumento de 0,1% em relação à safra passada, muito aquém da expectativa inicial. Com relação as fases da cultura, até a semana do levanta-

tamento, as lavouras se encontravam majoritariamente nos estádios de frutificação/maturação e 15% colhido. Espera-se uma produtividade superior ao da safra anterior em 2,2%, atingindo os 3.129 kg/ha.

Na Bahia, as lavouras de soja ocupam a área de 1,6 milhão de hectares e a produção é estimada em 5,68 milhões de toneladas. Foi registrado aumento de 1,3% na área cultivada, expansão ocorrida sobre áreas de algodão em pousio. Com o avanço da safra de verão no extremo- oeste, estima-se que, da área cultivada total, 77% esteja coberta com as lavouras de soja e 23% com outros grãos. A colheita evolui de forma lenta, prejudicada pelas chuvas, atingida em 20% da área cultivada.

6.1.9.2. REGIÃO CENTRO-OESTE

Na principal região produtora do país ocorreu incremento na área plantada em 2,9% em relação ao verificado no plantio passado, atingindo 16.574,4 mil hectares.

Em Mato Grosso, na semana do levantamento, a colheita da soja se encontrava em sua reta final. A safra foi excelente em todos os aspectos. Do ponto de vista da produtividade média, a combinação de condições climáticas favoráveis ao longo de toda a safra com os pacotes tecnológicos empregados, concorreram para impulsionar o rendimento, estimado em 3.489 kg/ha, recorde estadual, e 4,3% superior à obtida no ciclo 2018/19, quando foram registrados 3.346 kg/ha.

Outro componente que impulsionou a produção de soja em âmbito estadual foi a maior área semeada, a qual, pela primeira vez, superou o patamar de 10 milhões de hectares, atingindo 10.004,1 mil hectares, com alta de 3,1% em relação à última temporada, em que 9.699,5 mil hectares foram semeados. Devido a esses fatores, a produção estadual atingiu a marca inédita de 34.904,3 mil toneladas, 7,5% acima da colhida no período 2018/19, de 32.454,5 mil toneladas. Com grande volume já vendido, o fluxo logístico persiste nas rotas envolvendo o estado e até agora não há qualquer indício de arrefecimento ou restrição ao escoamento.

Em Mato Grosso do Sul, a área total estimada é de 2.950,7 mil hectares, com uma produtividade prevista de 3.450 kg/ha. Até o momento (primeira semana de abril), 3% das lavouras se encontram em maturação

e 97% já colhidas. O clima em março foi favorável, com precipitações abaixo do esperado e tempo seco e, com isso, as máquinas puderam dar continuidade às operações de colheita. A qualidade do produto colhido foi considerada boa, não ocorrendo descontos por grãos fora do padrão. A comercialização da soja avançou significativamente em março, com uma estimativa de 78% de grãos comercializados. Os preços têm estimulado os produtores a venderem o produto, aproveitando o momento de dólar valorizado, e a partir de agora vencem a maioria dos prazos para a entrega dos contratos firmados.

Em Goiás, cerca de 98% da área plantada se encontra colhida, com resultados excelentes. As áreas remanescentes são decorrentes do atraso no plantio e de se tratar de variedades de ciclo tardio. As dificuldades logísticas (transporte) desaceleraram o ritmo da colheita por causa da Covid-19, no entanto mais de 65% da safra já foi comercializada. A produtividade média na região sul e sudoeste (que representam mais de 80% da produção) está acima das últimas safras.

No Distrito Federal, o excesso de chuvas verificado nas últimas semanas provocou atraso na colheita, ocasionado por fatores como: dificuldade na colheita das áreas mais baixas e úmidas, obrigando o produtor a operar com máquinas menores e mais leves; a soja colhida sob chuva e chegando muita úmida nos armazéns, o que provoca filas extensas de caminhões aguardando a passagem pelo secador. Cerca de 80% das lavouras já foram colhidas.



6.1.9.3. REGIÃO SUDESTE

Na Região Sudeste, a área plantada com a oleaginosa nesta temporada apresentou a maior elevação percentual dentre as regiões, com incremento de 7,3% em relação ao período anterior, quando foi plantado 2.571,1 mil hectares.

Em Minas Gerais, a colheita da soja ainda se encontra em andamento em razão do atraso ocorrido no plantio e excesso de chuvas recentemente. Estimava-se que o encerramento acontecerá na primeira semana

de abril. As condições climáticas possibilitaram um aumento substancial da produtividade, estimada atualmente em 3.565 kg/ha.

Em São Paulo, as lavouras já foram colhidas. A oleaginosa foi altamente beneficiada pelas condições climáticas durante todo o desenvolvimento vegetativo, e a produtividade estimada em 3.650 kg/ha aparece como recorde estadual, e incremento de 20,5% em relação ao período passado.

6.1.9.4. REGIÃO SUL

Ocorreu incremento percentual na área plantada de 1,7% em relação ao observado no exercício anterior. A região saiu do patamar de 11.879,6 mil hectares para 12.085,1 mil hectares, na temporada 2019/20.

No Rio Grande do Sul, a situação das lavouras que já era crítica no mês anterior, se deteriorou em março. A quase ausência de chuvas fez com que as perdas se acentuassem de forma generalizada. Desde dezembro são registrados volumes de chuva abaixo do esperado, reduzindo significativamente o conteúdo de água disponível no solo. Atualmente, estima-se uma perda de cerca de 31,9% sobre a safra passada, com a produtividade chegando a 2.260 kg/ha.

Na região mais central do estado, os problemas iniciaram já no desenvolvimento vegetativo, quando a chuva reduziu a população e a altura de plantas. No restante do estado, a partir do início da fase reprodutiva, causou abortamento de flores e vagens e, no final, reduziu peso e número de grãos. Além disso, o encurtamento do ciclo causou grande perda na qualidade, verificada pela presença de grãos verdes e malformados. Até a data do levantamento 38% das lavouras já estavam colhidas, com mais 49% em maturação, 12% em enchimento de grãos e 1% em floração. Com a previsão de abril continuar seco, a colheita deve seguir de maneira acelerada e acabar relativamente antes das safras anteriores, uma vez que desde 2011/12 não se verificava perdas de tamanha magnitude, como as que se verificam nesta temporada.

Em Santa Catarina, cerca de 65% das lavouras já foram colhidas até o final de março, restando ainda 30% em maturação e o restante dividido entre formação de grãos e algumas áreas em floração, semeadas após a colheita do milho ou feijão, principalmente na região oeste, que representam uma parcela muito pequena do total. A falta de chuvas afetou o potencial produtivo das lavouras que estavam ainda em formação de grãos em março, causando uma quebra de produtividade significativa em algumas áreas, principalmente no Planalto Sul e Meio-Oeste. Onde houve bom volume de chuvas a produtividade alcançou mais de 4.800 kg/há, em outras, onde as chuvas foram mais esparsas, entre 2.100 kg/ha e 2.400 kg/ha.

Não houve relatos de ocorrência de pragas ou doenças além do esperado para a cultura. Produtores incentivados pelos bons preços decidiram implantar áreas com safrinha, que estão receosos em relação ao resultado do plantio, haja vista que as chuvas não estão ocorrendo na maioria das regiões, o que pode causar perdas significativas no rendimento.

No Paraná, o rendimento previsto para esta safra é recorde, 3.791 kg/ha. Se não fosse a estiagem que ora castiga as lavouras, algumas ainda em frutificação, o resultado poderia ser maior. Restam ainda 10% de lavouras a colher nas microrregiões de plantio mais tardio. Assim como no caso do milho, o bom volume de chuvas na fase reprodutiva, as temperaturas amenas durante o verão e a baixa pressão de pragas e doenças, motivaram tal performance.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2019/20)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	
RR	Norte de Roraima								P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
RO	Leste Rondoniense		P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C							
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C				
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oriental do Tocantins		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
PI	Sudoeste Piauiense		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C							
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Sul Goiano		P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	FR/M	FR/M/C	M/C	C						
SP	Itapetininga		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C						
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C							
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M	FR/M/C	M/C	C					
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



6.1.10. SORGO

A área total de sorgo é estimada em 745,3 mil hectares, apresentando um aumento de 1,8% em relação ao efetivado na temporada anterior. São estimados que o Brasil produza 2.253,5 mil toneladas nesta safra, aumento de 3,5% em relação à safra passada.

No Pará, o sorgo ocupa áreas de segunda safra ou como proteção de solo para a soja. Nesta safra, a área diminuiu 19,4% em relação à safra anterior. As principais regiões produtoras são sudeste e sul do estado. Os grãos têm sido comercializados com produtores de bovinos, para alimentação dos plantéis.

No Piauí, a lavoura de sorgo é cultivada como cultura de segunda safra, em sucessão à soja. Atualmente a cultura está em fase final de implantação e, devido aos atrasos no calendário agrícola, houve redução de área na ordem de 33,3% em comparação à safra passada, atingindo uma área de 20 mil hectares. A produtividade esperada gira em torno de 1.877 kg/ha.

Na Paraíba, os produtores tradicionalmente exploram o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Em relação ao sorgo granífero, a cultura deverá registrar a área de 200 hectares, e a produtividade de 1.600 kg/ha.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 81,4 mil hectares, redução de 22,4% em relação à safra passada. Essa redução na área do sorgo registrada é motivada pela mudança de comportamento do produtor, que após sucessivos anos agrícolas com estiagem, optou pela produção de silagem de sorgo ou invés de colher o grão.

As lavouras no centro-sul e centro-norte do estado foram cultivadas em janeiro e fevereiro, e as plantas apresentam bom desenvolvimento, iniciando a fase reprodutiva, com a colheita esperada para o início de maio.

No extremo-oeste da Bahia, os plantios serão realizados em maio, em sucessão às lavouras de soja.

Em Mato Grosso, a cultura segue perdendo espaço em âmbito estadual e, neste ano, sofreu limitação ainda maior de sua área plantada devido à concorrência de culturas como o milho segunda safra e o gergelim, que apresentam excelente rentabilidade. Calcula-se uma área de 23 mil hectares, 29,2% menor que a área plantada no ciclo anterior, que deve gerar produção de 64,9 mil toneladas. Trata-se de cultura utilizada como cobertura vegetal ou como substituta do milho para alimentação animal e, a depender de seu preço e liquidez, sua colheita e comercialização sequer ocorre. Seu plantio se estende até abril, e a cultura apresenta maior resistência ao clima seco.

Em Goiás, o plantio está quase concluído e grande parte das lavouras estão em desenvolvimento vegetativo, com boas condições de sanidade. Em alguns municípios ocorreu atraso no plantio, muitos devem adentrar semeadura ainda em abril, quando ainda existe umidade e chuvas, mesmo em baixos volumes e considerando que a cultura é bastante resistente ao déficit hídrico. O mercado do grão é destinado à alimentação animal. Grandes empresas no estado, ligadas ao setor de aves e suínos, compram antecipadamente e formam seus estoques.

No Distrito Federal, a área deverá ser incrementada em 38,6%, comparando com a safra passada, saindo de 5.700 hectares para 7.900 hectares. A produtividade média deverá alcançar 4.516 kg/ha, resultando em uma produção de 35,7 mil toneladas, 31,3% superior à obtida na safra anterior.

O aumento na produção se dá principalmente pelo incremento na área plantada, que substituiu o trigo. O plantio está em fase inicial, um pouco atrasado, comparando-se com a safra anterior.



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo									
		NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
PI	Sudoeste Piauiense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Vale São-Franciscano da Bahia	P	P/G/DV	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C		
MS	Leste de Mato Grosso do Sul				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MT	Nordeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Mato-grossense				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
GO	Centro Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Leste Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
DF	Distrito Federal				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SP	Ribeirão Preto				P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.



7. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

7.1. ALGODÃO

O Brasil exportou 140,7 mil toneladas de pluma em janeiro de 2020, volume 27% superior ao exportado no mesmo período do ano anterior. No ano comercial de exportação, que se encerra em junho de 2020, os embarques do Brasil deverão crescer cerca de 50% em comparação à temporada anterior (safra 2018/19), com volume próximo de 2 milhões de toneladas embarcadas. O grande aumento na safra e os chineses comprando mais do Brasil, reflexo da disputa comercial com os Estados Unidos, são os principais responsáveis pelo bom desempenho.

Apesar do bom volume comercializado da safra, que será colhida no segundo semestre deste ano, a preocupação dos produtores agora é com o desdobramento da crise do coronavírus, que impactará na demanda global, principalmente dos bens que não são de primeira necessidade, como o algodão. Cabe destacar também a crise do petróleo, que fez o preço do óleo cair abruptamente e impactou negativamente na competitividade da fibra orgânica.

O setor ainda está otimista, apesar do ambiente econômico prejudicado. A expectativa é que no período de escoamento da nova safra, a partir de julho, os impactos do coronavírus para os negócios estejam

menores. Além disso, os níveis elevados da taxa de câmbio favorecem a competitividade do produto brasileiro no mercado internacional.

No que se refere ao mercado consumidor doméstico, a grande preocupação é com a expectativa de

desaceleração da economia, que será causada pelo isolamento social. Várias indústrias têxteis relataram preocupação com o reflexo das medidas restritivas na logística nacional e com o fechamento do comércio não essencial, que faz a demanda por produtos de algodão cair.

7.2. ARROZ

Apesar da reduzida safra 2018/19, a significativa retração do consumo, identificado no período de comercialização de tal safra, refletiu em preços próximos da estabilidade com ameno viés de alta em virtude do significativo saldo da balança comercial do arroz. Como resultado, nota-se, pela terceira safra consecutiva, uma redução nas estimativas de estoques de passagem do setor.

Para a próxima safra 2019/20, com a expectativa de leve expansão (+1,2%) do volume colhido, de estoques de passagem menores, de balança comercial equilibrada e de crescimento do consumo, projeta-se preço elevado ao longo de todo o período de comercialização da nova safra. Mais especificamente sobre o incremento esperado de consumo, com a intensificação da crise do Covid-19 e o isolamento social de

parte da população, haverá um aumento na alimentação em domicílio, o que possivelmente refletirá em aumento de consumo de arroz.

Em relação à balança comercial, depois de um superavit de 865,1 mil toneladas na safra 2017/18, houve uma retração do superavit para 323,1 mil toneladas. Para a safra 2019/20, de março de 2020 até fevereiro de 2021, projeta-se equilíbrio entre o importado e o exportado em 1.100 mil toneladas, com a perspectiva de elevados preços internos e dólar valorizado. Cabe destacar que, para que esse cenário de equilíbrio se concretize, é necessário que os preços do arroz se valorizem ainda mais que o observado atualmente, haja vista os elevados valores de paridades de importação e de exportação do grão, comparativamente às cotações internas.

7.3. FEIJÃO

Março iniciou com baixo estoque de passagem e com expressiva queda na produtividade, causada pelas condições climáticas adversas nas regiões produtoras de Goiás e Minas Gerais, na primeira safra.

Na segunda quinzena de março, o mercado passou por uma forte oscilação positiva de preços em virtude da elevada demanda do varejo causada pelo coronavírus. Mas, aos poucos, com boa parte do consumidor abastecido, as redes supermercadistas limitando a quantidade de unidades vendidas por pessoa e ao processo de isolamento social, verificou-se um fraco interesse nas aquisições, e os preços recuaram. Cabe ressaltar que, para 2020, de forma geral, projeta-se uma manutenção do consumo brasileiro de feijão.

É importante frisar que a produção brasileira está bem ajustada com a demanda. Como o volume estimado de feijão carioca é equilibrado, entre as três safras, conclui-se que a segunda safra sofre maior pressão de oferta de feijão novo por ser cultivada em todas as Unidades da Federação e concentrar a colhei-

ta em apenas três meses (abril, maio e junho).

Em relação à balança comercial, a redução nas importações é reflexo da forte valorização do dólar frente ao real. Em 2019 ocorreu uma maior necessidade de importação, vez que as chuvas excessivas, registradas no final de maio no Paraná, comprometeram cerca de 30 mil toneladas de feijão-comum preto. Já para as exportações, identifica-se um mercado comprador consolidado, porém sem perspectiva de expansão em razão da redução no plantio e ao limitado mercado internacional de feijão-caupi, tipo de grão exportado pelo país.

Em suma, para a temporada 2019/20, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, chega-se em um volume médio de produção estimado em 3,1 milhões de toneladas. Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 243,8 mil toneladas, do consumo de 3,05 milhões de toneladas, das importações de 100 mil toneladas e das exportações de 160 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem estimado em 254,5 mil toneladas.



7.4. MILHO

A alteração para cima da estimativa de produção de milho para a safra 2019/20, deixa um cenário um pouco menos complicado para o início da próxima safra. Ainda assim, um estoque de passagem com 9,3 milhões de toneladas mantém a situação para o abastecimento de milho bem mais confortável ao produtor que aos demandantes, sobretudo na possibilidade de segurar estoques e especular no mercado.

Assim, com aproximadamente 60% da segunda safra já comercializada, a preços bem acima dos custos de produção, os produtores estarão capitalizados, podendo correr o risco de um mercado especulativo.

Essa conjuntura favorável se dá devido ao dólar bastante valorizado, vez que as cotações em Chicago estão em queda acentuada, após o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) (sigla em inglês) divulgar o relatório de intenção de plantio para a safra 2020/21, nos Estados Unidos, e apontar um incremento de 8% na área plantada de milho, o que

levaria a uma produção próxima a 400 milhões de toneladas, bem como a demanda interna das usinas de etanol à base de milho.

No entanto, a relação conflituosa entre a Rússia e Arábia Saudita, no que se refere ao mercado de petróleo e à demanda menor por combustíveis devido ao lockdown provocado pelo Covid-19, poderá influenciar nas tomadas de decisão das usinas brasileiras de etanol à base de milho, podendo, inclusive, retornar parte do volume do cereal já adquirido ao mercado novamente.

Mesmo assim, a estimativa de consumo interno ainda não teve reajuste, visto que não há confirmação sobre esse procedimento por parte das indústrias de etanol. Já a exportação, estima-se um pequeno incremento, uma vez que, com mais de 40 milhões de toneladas de milho comercializadas na segunda safra, a maior parte foi realizada pelas tradings, que adquiriram a preços dentro da paridade de exportação.

7.5. SOJA

Os preços (spot) internacionais de março de 2020 na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) caíram em 17 pontos (2%), passando da média de UScents 886,17/bu em fevereiro de 2020 para UScents 869,15/bu em março de 2020.

Se comparado ao mesmo período de 2019, o valor dos preços internacionais estão 3% menores, cotados em UScents 896,42/bu, em média.

Os preços internacionais estão em baixa, motivados ainda pela disputa comercial sino-americana que afeta as exportações de soja para a China e trazem os preços abaixo de UScents 9,50/bu, mas nesse momento, o que tem mais peso na baixa dos preços internacionais é a pandemia do covid-19, que tem afetado negativamente as economias mundiais.

Para abril, é esperado que o problema do coronavírus continue sendo um forte motivo de baixa dos preços internacionais.

No mercado nacional, estima-se que mais de 75% da safra já esteja comercializada.

Os preços internos continuam sustentado pelo dólar, que fechou em março no valor de R\$ 5,16, com isso, os preços médios no Brasil em março 2020 foi de R\$ 81,84 a saca de 60 quilos, valor superior ao cotado em fevereiro de 2020, que foi de R\$ 76,63 a saca de 60 quilos, mais de 21% superior ao cotado em fevereiro

de 2020 no valor de R\$ 67,57.

Os prêmios de portos continuam oscilando dentro da média dos cinco anos, cotados a UScents 51,90 - um pouco melhor que o cotado em 2019 - e, em abril de 2020, os prêmios de portos continuam oscilando dentro da média dos cinco anos, cotados a UScents 51,90 - um pouco melhor que o cotado em 2019 - e, em abril de 2020, devem continuar dentro dessa média, cotados a UScents 60/bu.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de março de 2020 fecharam em 11,64, esse número é 38% maior que o exportado em março de 2019, que foi estimado em 8,46 milhões de toneladas. No acumulado, o Brasil exportou, até o momento, aproximadamente 21,11 milhões de toneladas de soja em grãos, enquanto que no mesmo período de 2019 esse valor era de 15,76 milhões de toneladas. As exportações devem continuar fortes nos próximos meses, e para abril é esperado uma exportação de 11,78 milhões de toneladas, totalizando um número entre 75 e 77 milhões de toneladas.

É esperado um consumo total em esmagamento de soja em grãos para 2020 de aproximadamente 44,50 milhões de toneladas.

Apesar do receio do coronavírus em relação a um possível problema de logística no Brasil, até o momento, a safra tem escoado normalmente, com valores exportados e comercializados muito acima dos últimos anos.



7.6. TRIGO

Apesar da baixa liquidez na comercialização, no mês em análise, o mercado doméstico apresentou elevação nas cotações em resposta ao volume restrito de trigo nacional e de trigo argentino, principal fornecedor brasileiro, e à alta cotação cambial. O trigo pão foi negociado a um preço médio de R\$ 54,44 a saca no Paraná, apresentando valorização mensal de 5,97%, e no Rio Grande do Sul valorização de 2,74%, sendo a média mensal cotada a R\$ 45,62 a saca.

Já a cotação FOB Golfo apresentou desvalorização, como em outras commodities, influenciada principalmente pela pandemia do coronavírus, além da valorização do dólar em relação às outras moedas e ao fraco desempenho nas exportações norte-americanas. A média mensal foi de US\$ 237,79 a tonelada,

apresentando desvalorização de 5,37%.

Para suprir a demanda interna, em março de 2020, foram importadas 659,8 mil toneladas, sendo 91,81% de origem argentina, 5% de trigo uruguaio, 2,64% de trigo paraguaio e 0,53% de trigo dos Estados Unidos. No mesmo período foram exportadas 64,9 mil toneladas para o Vietnã.

A Conab revisou os números relativos ao quadro de oferta e demanda para a safra 2019/20, no que se refere ao volume de moagem, que passou de 11.500 mil toneladas para 11.900 mil toneladas. Ao mesmo tempo iniciou a divulgação dos números relativos à safra 2020/21, que deverá iniciar-se em agosto deste ano.

Tabela 5 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2013/14	445,5	1.734,0	31,5	2.211,0	810,0	748,6	652,4
	2014/15	652,4	1.562,8	2,0	2.217,2	670,0	834,3	712,9
	2015/16	712,9	1.289,2	27,0	2.029,1	640,0	804,0	585,1
	2016/17	585,1	1.529,5	33,6	2.148,2	685,0	834,1	629,1
	2017/18	629,1	2.005,8	30,0	2.664,9	670,0	974,0	1.020,9
	2018/19	1.020,9	2.778,8	1,7	3.801,4	700,0	1.669,5	1.431,9
	2019/20	Mar/20	1.432,4	2.853,7	2,0	4.288,1	710,0	2.000,0
		Abr/20	1.431,9	2.880,4	2,0	4.314,3	690,0	2.000,0
Arroz em casca	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	12.064,2	845,2	13.621,0	11.239,0	1.710,2	671,8
	2018/19	671,8	10.445,1	1.037,7	12.154,6	10.250,0	1.360,9	543,7
	2019/20	Mar/20	393,7	10.524,5	1.100,0	12.018,2	10.400,0	1.100,0
		Abr/20	543,7	10.568,8	1.100,0	12.212,5	10.600,0	1.100,0
Feijão	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.116,1	81,1	3.499,8	3.050,0	162,4	287,4
	2018/19	287,4	3.020,8	149,6	3.457,8	3.050,0	164,0	243,8
	2019/20	Mar/20	245,5	3.140,4	100,0	3.485,9	3.050,0	160,0
		Abr/20	243,8	3.120,7	100,0	3.464,5	3.050,0	160,0
Milho	2013/14	6.246,4	80.051,7	789,2	87.087,3	53.676,0	20.882,8	12.528,5
	2014/15	12.528,5	84.672,4	315,4	97.516,3	54.650,9	30.131,3	12.734,1
	2015/16	12.734,1	66.530,6	3.336,2	82.600,9	54.837,1	18.847,3	8.916,5
	2016/17	8.916,5	97.842,8	952,5	107.711,8	57.643,9	30.813,1	19.254,8
	2017/18	19.254,8	80.709,5	900,7	100.865,0	60.945,1	23.742,2	16.177,7
	2018/19	16.177,7	100.046,3	1.596,4	117.820,4	65.243,3	41.173,2	11.403,9
	2019/20	Mar/20	11.403,9	100.083,3	1.000,0	112.487,2	70.451,8	34.000,0
		Abr/20	11.403,9	101.867,9	1.000,0	114.271,8	70.451,8	34.500,0
Trigo	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.262,1	6.387,0	13.179,2	11.287,4	206,2	1.685,6
	2018	1.685,6	5.427,6	6.753,1	13.866,3	12.481,4	582,9	802,0
	2019	802,0	5.154,7	7.000,0	12.956,7	12.206,1	300,0	450,6
	2020	450,6	5.431,3	7.200,0	13.081,9	12.313,4	300,0	468,5

Fonte: Secex, importação e exportação até a safra 2017/18; Conab, demais dados.

Notas: Estimativa em fevereiro/2020/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



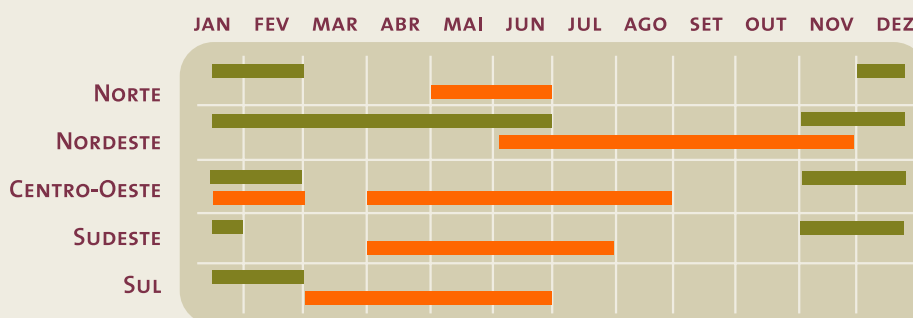


8. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

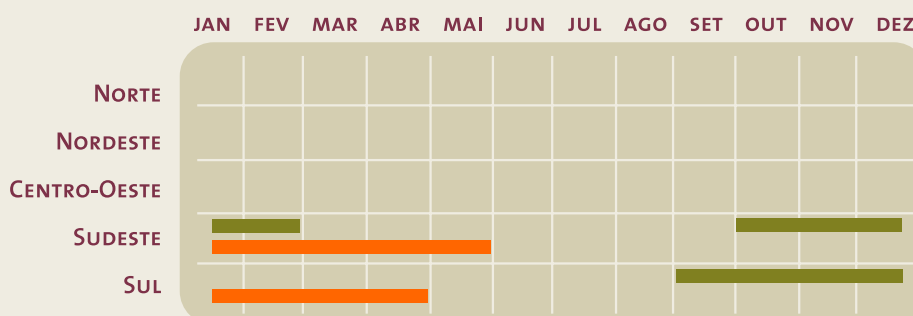
Plantio Colheita



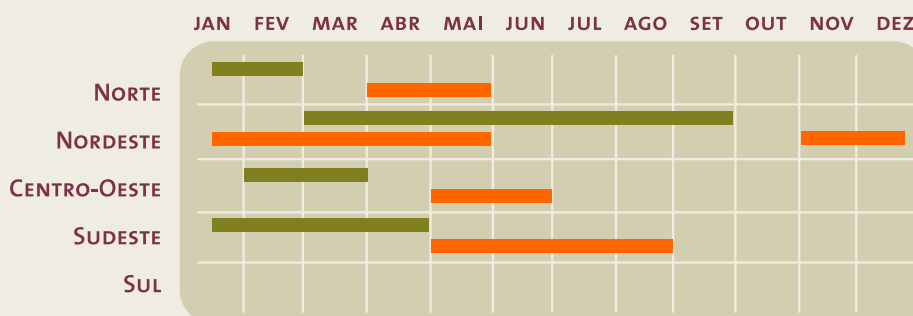
Algodão



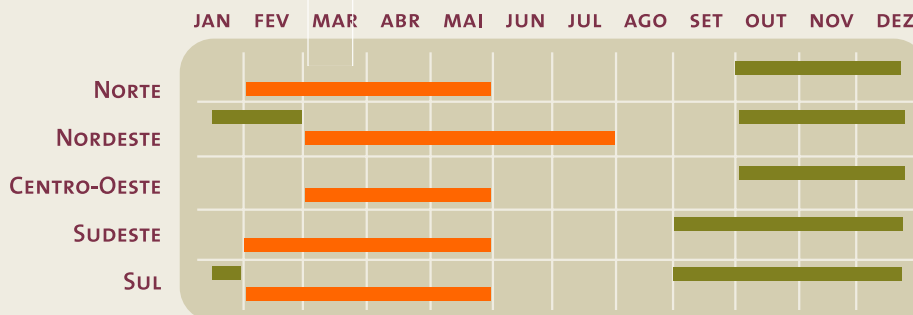
Amendoim
1ª safra



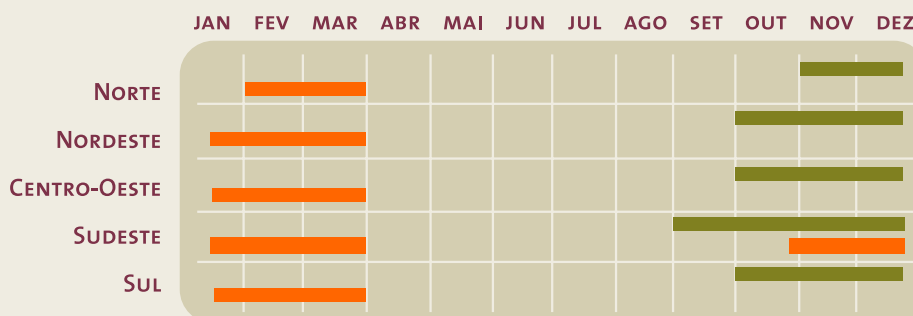
Amendoim
2ª safra



Arroz

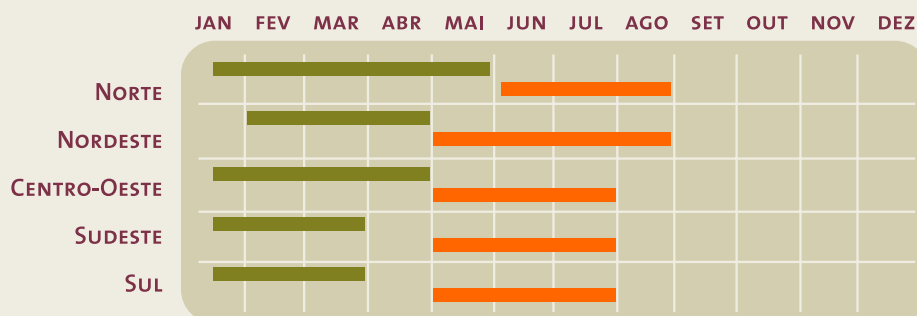


Feijão 1ª safra

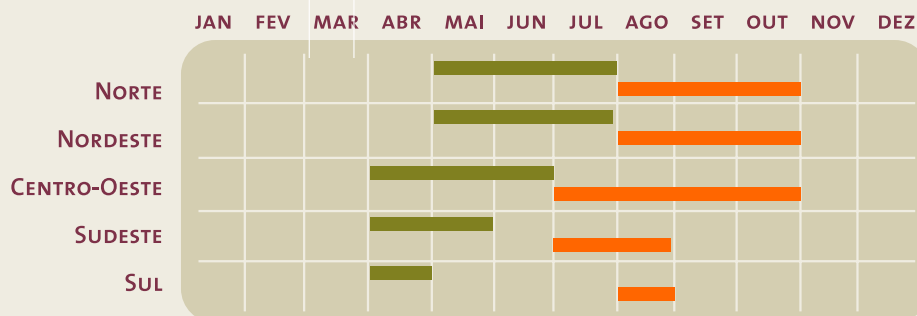




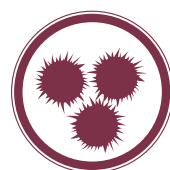
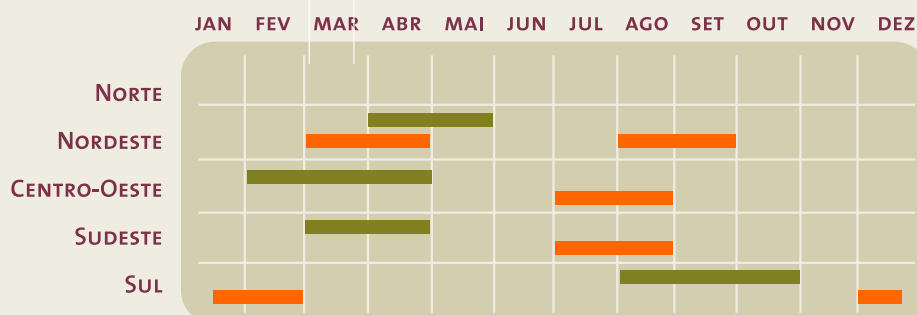
Feijão 2ª safra



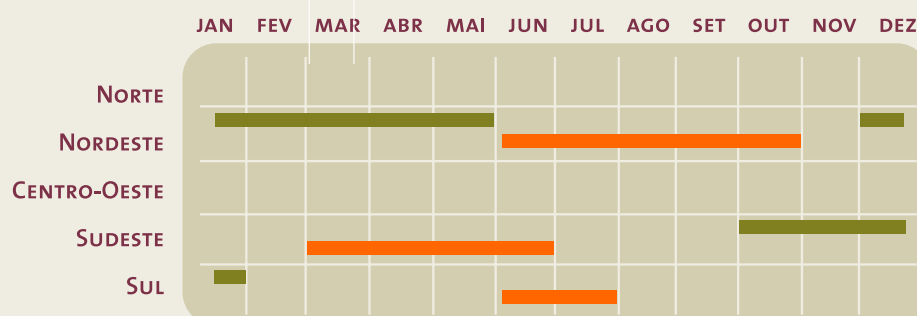
Feijão 3ª safra



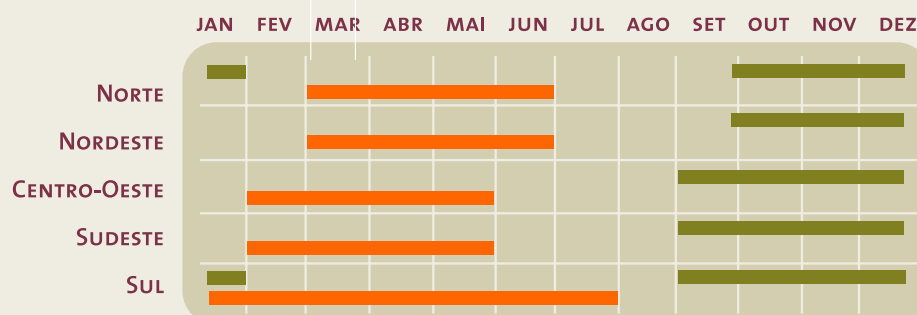
Girassol



Mamona

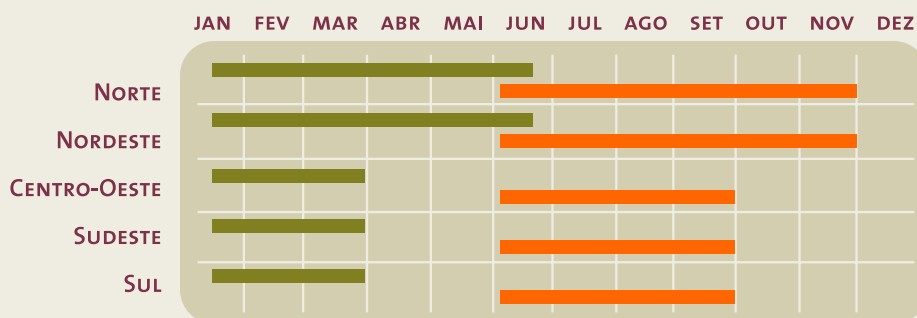


Milho 1ª safra

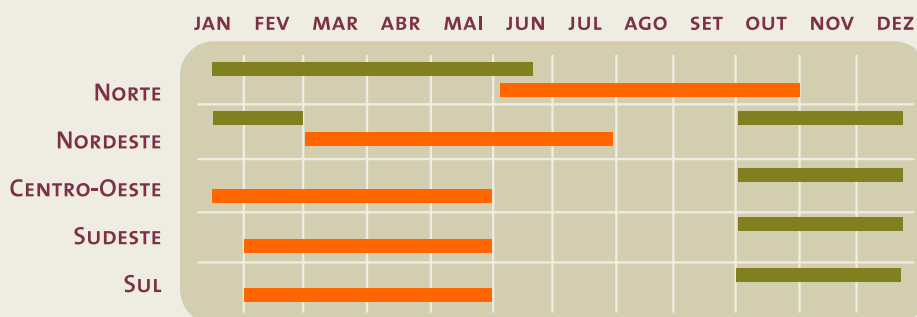




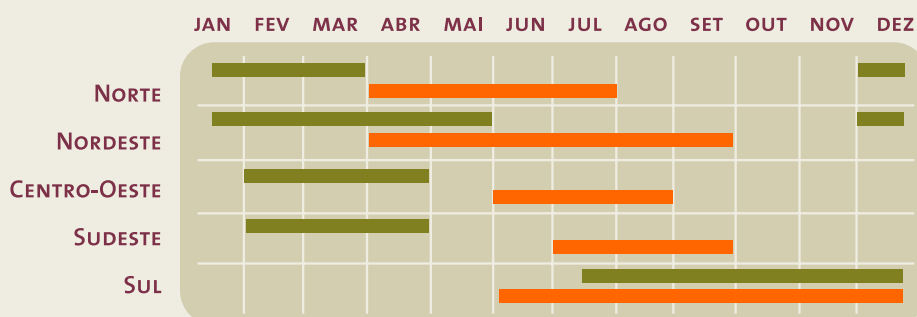
Milho 2ª safra



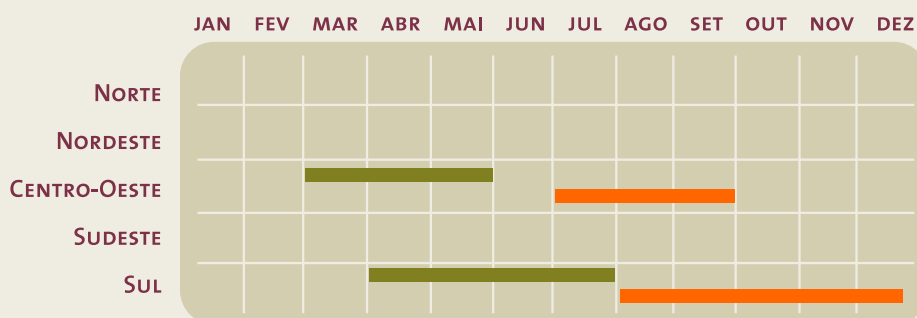
Soja



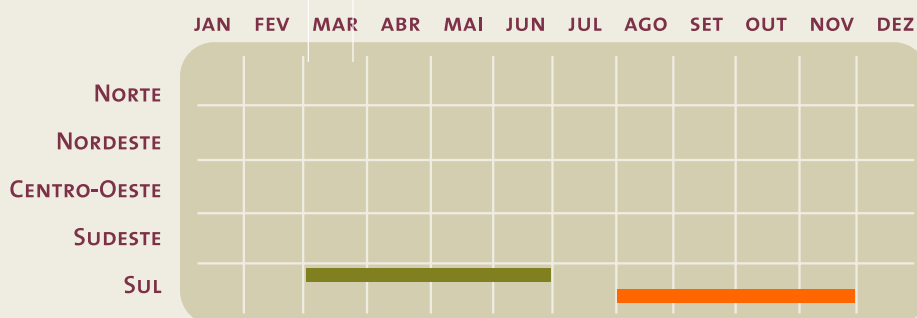
Sorgo

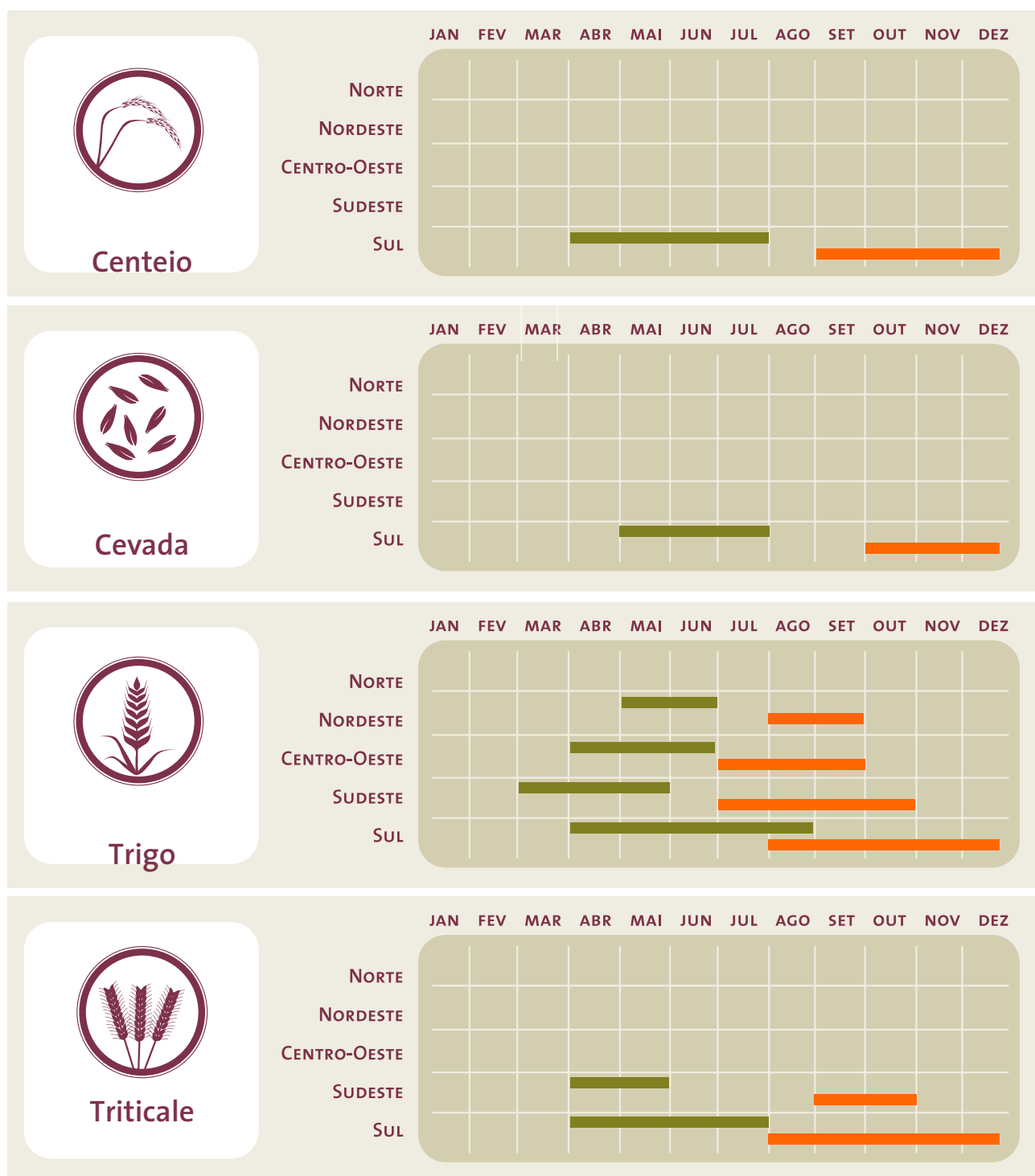


Aveia



Canola







Distribuição:

Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF

(61) 3312-6277

<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO

